

# Panorama



Publicação da Anahp – Associação Nacional de Hospitais Privados – 2022, ano 17 | nº 82



## **CONAHP 2022:** mudanças para hoje

O maior congresso de saúde do Brasil volta ao presencial e promove o reencontro de 4,7 mil pessoas, abordando o tema Saúde 2022: a mudança que o Brasil precisa

**REPRESENTANTES DO  
NOVO GOVERNO FALAM  
SOBRE PROPOSTAS  
PARA SAÚDE**

**PALCOS ESTRATÉGICOS  
APROFUNDAM  
DEBATES SOBRE  
TENDÊNCIAS DO SETOR**

**DESAFIO DE INOVAÇÃO  
DESTACA SOLUÇÕES  
TECNOLÓGICAS  
PARA HOSPITAIS**



- 03 **editorial**  
O ano do reencontro
- 06 **abertura**  
De volta ao presencial depois de duas edições digitais, o Conahp 2022 fez história ao reunir 4,7 pessoas em São Paulo
- 09 **destaques**  
Debates sobre pandemia, tendências mundiais, gestão pública, dados e novas tecnologias em saúde
- 32 **sessão pôster**  
Foram mais de 150 trabalhos selecionados, compartilhando iniciativas que contribuem para maior integração e sustentabilidade do sistema
- 35 **saúde digital**  
No palco estratégico, especialistas abordaram os desafios e os conceitos que premeiam a saúde digital
- 43 **startups**  
As dez melhores soluções inscritas no Desafio de Inovação Conahp 2022 e as vencedoras da edição
- 47 **corpo clínico**  
No palco estratégico, discussões relacionadas ao engajamento e autonomia dos profissionais, formação e habilidades de liderança
- 55 **conahp social**  
Iniciativa destacou ações da Associação Voluntários da Saúde, que oferece capacitação e apoio ao setor público
- 57 **ensino e pesquisa**  
No palco estratégico, esteve em discussão formação e competências profissionais, aprendizagem contínua e incentivo à pesquisa em saúde no Brasil
- 65 **jantar**  
Em noite de confraternização, lideranças, autoridades e personalidades da saúde se reencontram em São Paulo
- 67 **healthtechs**  
No palco estratégico, debates sobre o impacto das startups no mercado e no sistema de saúde, além dos desafios na corrida por soluções eficazes
- 75 **encerramento**  
O congresso fecha o ano de 2022 reafirmando sua posição como o maior congresso de saúde do país



## capa

### **Conahp 2022: mudanças para hoje**

Confira a cobertura completa da programação presencial do maior congresso de saúde do país

# O ANO DO REENCONTRO



Estamos há mais de dez anos promovendo o Conahp e a cada edição o desafio é ainda maior. Esta edição, em especial, foi marcada pelo cenário de retomada das atividades presenciais após mais de dois anos intensos de combate à pandemia de Covid-19. Além disso, também vivemos um momento político acalorado e de transição com a recente eleição de um novo governo.

O setor da saúde segue em sua jornada, que é longa e desafiadora. A pandemia expôs as fragilidades, mas também deixou evidente a capacidade de resposta dos sistemas de saúde do mundo todo. E, neste cenário, a saúde ganhou o merecido lugar de destaque nas campanhas eleitorais pelo Brasil. É hora, então, de refletirmos sobre os aprendi-

zados e as mudanças necessárias para promover um sistema mais integrado, sustentável e que viabilize um acesso mais qualificado à população.

E o Conahp deste ano teve exatamente essa missão. Diante da temática central “Saúde 2022: a mudança que o Brasil precisa”, durante cinco dias abordamos eficiência e capacidade de resposta, colocando o foco em discussões que foram desde o financiamento do setor, modelos de gestão, integração público-privada, entre outros aspectos. Conhecemos também, em primeira mão, propostas do novo governo eleito para a saúde e debatemos temas que refletem dificuldades reais do nosso país.

Nas duas últimas edições, em formato totalmente digital, o Conahp ampliou seu alcance e nos trouxe

experiências inovadoras e muito positivas. Cientes do papel protagonista que o congresso teve diante dos grandes desafios impostos pela pandemia, a Anahp optou por manter parte do conteúdo digital, mas retomar, em grande estilo, o evento presencial – tão importante para o relacionamento do setor.

Nesta edição especial da Panorama, que busca eternizar mais uma edição histórica do nosso evento, você terá o prazer de conferir a cobertura completa das plenárias presenciais que, além de apresentar grandes nomes da saúde mundial, aprofundou temáticas fundamentais para alcançarmos as mudanças que queremos: corpo clínico, saúde digital, *healthtechs* e ensino e pesquisa.

Boa leitura!

**Eduardo Amaro**  
Presidente do Conselho  
de Administração

# Panorama **Anahp**

## Expediente

Panorama é uma publicação da  
Anahp – Associação Nacional de Hospitais Privados.

### Conselho de Administração

Presidente: Eduardo Amaro | H. e Maternidade Santa Joana (SP)  
Vice-presidente: Henrique Neves | H. Israelita Albert Einstein (SP)

Fernando Ganem | Hospital Sírio-Libanês (SP)  
Fernando Torelly | Hcor (SP)  
Henrique Moraes Salvador | Hospital Mater Dei (MG)  
Mohamed Parrini | Hospital Moinhos de Vento (RS)  
Paulo Junqueira Moll | Hospital Memorial São José (PE)  
Rafael Borsoi Leal | Hospital Santa Lúcia (DF)  
Romeu Côrtes Domingues | Hospital São Lucas (RJ)

### Conselho Fiscal

Antônio Alves Benjamin Neto | Hospital Meridional (ES)  
Dario A. Ferreira Neto | Hospital Edmundo Vasconcelos (SP)  
Hilton Roesse Mancio | Hospital Tacchini (RS)

### Suplente

Eduardo Queiroz Jr. | Hospital Santa Izabel – Santa Casa da  
Bahia (BA)

### Conselho de Ética

José Antonio de Lima  
José Henrique Germann Ferreira  
Reynaldo Brandt

### Redação

Ana Paula Machado  
Gabriela Nunes  
Helena Capraro  
Natalia Kfoury  
Vinícius dos Santos Antunes

### Direção de Arte

Luis Henrique Lopes

### Fotos

Fábio Ioli  
Gustavo Rampini  
Kazuo Kajihara  
Shutterstock

### Dezembro/2022

Anahp – Associação Nacional de Hospitais Privados  
Rua Cincinato Braga, 37 – 3º andar – São Paulo – SP  
**www.anahp.com.br – 11 3178-7444**

## DIAMOND



## GOLD



## APOIO



# VOCÊ ESTÁ PRESTES A LER A **cobertura do Conahp 2022 presencial**

Além dos **2 dias no Transamerica Expo Center**,  
realizamos **3 dias de conteúdo exclusivamente online**  
que você pode conferir agora!

**Leia a cobertura**  
completa no e-book

**BAIXE AQUI**

Ou assista **a íntegra das**  
**plenárias** no canal da  
Anahp no  **YouTube**

**ACESSE AQUI**



# SAÚDE 2023:

## a mudança já começou

De volta ao presencial depois de duas edições digitais, o Conahp 2022 fez história ao oferecer um evento híbrido. Além da programação digital, foram dois dias de conteúdo no Transamerica Expo Center, em São Paulo, cenário do reencontro para as mais de 4,7 mil pessoas que passaram pelo evento

Depois de quase três anos de pandemia, o Congresso Nacional de Hospitais Privados, o Conahp, se tornou novamente palco dos mais importantes debates sobre os caminhos da saúde no Brasil. Desta vez, após duas edições gratuitas e online, o congresso voltou ao formato presencial, mas sem deixar de lado os ganhos do digital. Foram três dias de

conteúdo compartilhado digitalmente na plataforma exclusiva do evento, somando 9 mil inscritos. Depois vieram os dois dias exclusivamente presencial, que contaram com a presença de 4.760 pessoas participando.

O reencontro da saúde aconteceu no Transamerica Expo Center, em São Paulo. Neste ano, além do palco principal, os congressistas contaram com dois palcos

estratégicos, que apresentaram temas mais práticos e específicos que são tendência no setor, com foco em saúde digital, corpo clínico, ensino e pesquisa e health-techs. O congresso reuniu 144 palestrantes, nacionais e internacionais, que compartilharam experiências e convidaram os congressistas ao debate sobre o tema central do evento: **Saúde 2022: a mudança que o Brasil precisa.**





Além das palestras, a área de exposições também se destacou com a volta ao presencial: foram mais de 100 empresas expositoras de diferentes segmentos, como indústria farmacêutica, serviços, equipamentos, tecnologia, consultoria, laboratórios, financeiro, hospitais, engenharia e outros. Além dos patrocinadores, esta edição, assim como as duas últimas, contou com outras entidades representativas do setor como correalizadoras. Este ano, foram elas: Abimed, Abimo e FenaSaúde.

Na cerimônia de abertura, Eduardo Amaro, presi-

dente do Conselho de Administração da Anahp, falou sobre os desafios impostos ao setor nos últimos anos, que contribuiriam para tornar ainda maior o desafio de realizar o evento. “A Anahp, sempre na vanguarda, buscou inovar e, definitivamente, conseguiu fazer com que o Conahp ocupasse o posto de principal congresso de gestão da saúde no país”, declarou. O presidente também destacou o momento-chave que a saúde vive: “esta edição, em especial, é marcada por um cenário de retomada das atividades após o intenso combate à pandemia de Covid-19. Além disso, o momento po-

lítico no nosso país também é de transição – acabamos de eleger o novo governo”.

Ainda na abertura, o presidente da Comissão Científica do Conahp 2022, Charles Souleyman, falou sobre importância do congresso híbrido e do trabalho da comissão neste sentido. “Ver o congresso voltando a este modelo presencial agora, é motivo de muito orgulho e satisfação. É um privilégio, uma honra, estar presidindo a Comissão Científica desse evento, que é um ícone da medicina no Brasil e um marco para tudo que define o sistema de saúde não só privado, mas público também.”

## NOMES QUE FIZERAM **HISTÓRIA**

A Anahp, desde 2021, tem buscado prestar homenagens a figuras que se tornaram fundamentais para a sua existência e consolidação como uma das principais entidades representativas do setor. Neste ano, o Conahp 2022 serviu de palco para reconhecer e destacar o legado deixado até aqui na saúde por José Antônio de Lima, membro dos conselhos da Fundação Faculdade de Medicina, do Sabará Hos-

pital Infantil e da BP; José Salvador Silva, fundador da Rede Mater Dei de Saúde; e Maurício Ceschin, conselheiro da Rede Mater Dei de Saúde, Pro Matre, Santa Joana e do Grupo Laços Saúde.

Segundo Antônio Britto, diretor-executivo da Anahp, esta é uma forma efetiva de manter viva a memória histórica da Associação, seus valores e objetivos. “Nós estamos em tempos extremamente transforma-

dores e desafiadores na saúde, e a Anahp tem a plena consciência de que o maior desafio de qualquer entidade é lembrar de seus valores e sua missão. Nós não queremos apenas um bom sistema de saúde, mas oferecer serviços que valorizam a qualidade e exigem ética.” Neste sentido, segundo o executivo, os homenageados do ano são considerados importantes referências. ▀



Henrique Neves (Anahp e Hosp. Israelita Albert Einstein), Maurício Ceschin (Rede Mater Dei de Saúde, Pro Matre, Santa Joana e Grupo Laços Saúde), Henrique Salvador (Rede Mater Dei de Saúde), José Salvador Silva (Rede Mater Dei de Saúde), Eduardo Amaro (Anahp e Grupo Santa Joana) e Antônio Britto (Anahp) no palco para o momento da homenagem



## SAÚDE 2023: HUMANIZAÇÃO, PESQUISA, INOVAÇÃO E NOVA GESTÃO PÚBLICA

O Conahp 2022 foi marcado pelo reencontro da saúde e por grandes debates sobre os próximos passos do setor em um cenário ainda pandêmico e em meio a avanços e desafios impulsionados pela crise dos últimos anos. Somado a isto, acrescenta-se na conta a mudança de governo para 2023.

As plenárias que tiveram como cenário o palco

principal do congresso contaram com o compartilhamento de experiências entre grandes especialistas da saúde mundial nos mais diversos âmbitos, como avanços das novas tecnologias e do cuidado baseado em valor, o desafio da digitalização dos hospitais para o presente e o futuro, e os efeitos e reflexos da Covid-19 no sistema.

Além disso, o congresso presencial abriu espaço para a discussão sobre o setor no âmbito da gestão pública, incluindo a relação dos setores público e privado como ponto essencial para o bom desenvolvimento da saúde como um todo no Brasil.

A seguir, leia a cobertura completa das plenárias do palco principal do Conahp 2022 presencial.

# 2023 COM FOCO EM PESSOAS NO SETOR DE SAÚDE

Com a proximidade de um novo ano e considerando o cenário que se desenha a partir da mudança no governo, especialistas do setor da saúde se reuniram na primeira plenária do Conahp 2022 presencial para um debate sob o tema “Como estamos nos preparando para a gestão hospitalar em 2023”.

Com a mediação do diretor-executivo da Anahp, Antônio Britto, a mesa redonda contou com a participação de conselheiros: Eduardo Amaro, presidente do Conselho de Administração da Associação e diretor do Grupo Santa Joana; Henrique Neves, vice-presidente do Conselho de Administração e diretor geral do Hospital Israelita Albert Einstein; Fernando Torelly, CEO do Hcor e presidente da Associação Voluntários da Saúde; Henrique Salvador, presidente da Rede Mater Dei de Saúde; Mohamed Parrini, CEO do Hospital Moinhos de Vento; e Romeu Côrtes Domingues, presidente-executivo do



Antônio Britto (Anahp) moderou o debate entre os conselheiros da Associação na plenária que abriu a programação presencial do Conahp 2022

Conselho de Administração da Dasa.

O Conahp, que marca o primeiro grande encontro de gestores do setor hospitalar após mais de dois anos de pandemia, iniciou a programação com um alerta: “2023 é o ano em que temos que olhar para dentro de nossas organizações, cuidar de nós, das pessoas que trabalham conosco e que são, definitiva-

mente, a essência do nosso negócio”, disse Torelly, ao elencar como prioridade absoluta o cuidado com a força de trabalho que compõe o setor.

Seguindo a mesma linha, Parrini, alertou para a importância dessa pauta, que é mundial e diz respeito ao investimento em pessoas na área da saúde. “Temos que mudar a percepção de que gasto com pessoal é

despesa. Gasto com pessoal é investimento.”

Após esse primeiro tema discutido, os conselheiros foram unânimes ao identificar como grande desafio a busca por maior eficiência e redução do desperdício. Uma das propostas levantadas foi a alavancagem na criação de novos modelos de remuneração que estejam mais alinhados com a realidade do país.

Segundo Henrique Salvador, o momento econômico enfrentado pelo país gera impactos em todas as áreas, sobretudo na saúde. “Para que possamos continuar crescendo, temos que investir muito mais em qualidade assistencial e processos mais maduros, e trabalhar a eficiência do se-

tor com a redução do desperdício, buscando margens diferenciadas.”

Domingues complementou ressaltando a importância da tecnologia e gestão de dados como ferramentas que auxiliarão nesse desafio, bem como o aprimoramento e a integração das redes, visando melhorar a jornada do paciente nos campos físicos e virtuais. “Na Dasa, estamos focados em melhorar nossas plataformas internas e incorporar startups para facilitar a integração. Para 2023, o caminho é continuar buscando soluções nesse sentido.”

Eduardo Amaro demonstrou otimismo em relação à oportunidade de crescimento do setor e disse que, com a mudança no governo, há muito o que ser trabalhado.

No entanto, reiterou ser necessário estar atento aos obstáculos de uma área que é muito dinâmica. “Precisamos levar a lição para casa, trabalhar pontos cruciais, como a redução do desperdício em todas as esferas do negócio, buscando mais estabilidade para que possamos nos fortalecer”, pontuou.

Para Neves, os problemas da saúde no país são complexos e, portanto, defendeu que 2023 seja um ano para a busca de soluções que contemplem todas as esferas a fim de estabilizar o sistema. “As soluções para a saúde não são rápidas e nem superficiais. Com o futuro governo, vamos continuar desenvolvendo nossas propostas e buscando sempre o diálogo.”



# PACIENTE CONECTADO

## TRARÁ MAIS HUMANIZAÇÃO NO ATENDIMENTO

Sob o tema “Medicina profunda: como a Inteligência Artificial (IA) pode tornar a saúde humana novamente”, o californiano Eric Topol explicou, na segunda plenária do Conahp 2022 presencial, como os pacientes podem ser beneficiados com a tecnologia, assim como os médicos, estabelecendo um contato mais humanizado, enquanto as máquinas ajudariam na detecção de doenças.

Fundador e diretor do Scripps Research Translational Institute e um dos mais influentes nomes da IA aplicada à saúde, o médico cardiologista defendeu que essa tecnologia pode e deve ser o futuro da medicina. De acordo com Topol, esse uso pode prevenir erros médicos, uma vez que existem coisas que o olho humano não enxerga. “Nos Estados Unidos, temos dois milhões de erros em diagnósticos por ano, o que quer dizer que



Diretamente da Califórnia (EUA), o cardiologista Eric Topol fala sobre a potência da tecnologia para humanizar a medicina; ao lado, o moderador Charles Souleyman (Amil)

uma pessoa vai passar por um erro pelo menos uma vez ao ano.”

Considerando que cada indivíduo tem uma característica diferente quanto ao seu genoma, o especialista ressaltou que a IA pode identificar essas diferenças e prevenir doenças de forma mais exata, como o início de um câncer, mutações originais e anomalias estruturais. Como exem-

plo, ele citou um estudo realizado com recém-nascidos. “Sequenciando o genoma no momento do nascimento, é possível identificar e prevenir doenças em menos de 20 horas após o parto.” O estudo, feito nos EUA e Canadá, ainda não foi realizado em adultos.

De acordo com Topol, apenas com prontuários tradicionais, o profissio-

nal não consegue realizar tratamentos “curativos”, além de gastar tempo sem conversar e cuidar do paciente. Por isso, o médico defende a automação. “Aplicativos de celulares, *smartwatch* e dispositivos desse tipo poderão levar independência ao paciente por meio de aplicativos já disponíveis, que fazem escaneamento de pressão, humor e atividades cardíacas, além de ultrassom.”

Para defender o que chamou de “hospital em casa”, o especialista citou a pandemia como início do processo de dar ao paciente as ferramentas para promover cuidados básicos. “A telemedicina 2.0 não vai ser apenas uma conversa por vídeo, mas



Segundo Topol, nos Estados Unidos, uma pessoa tem chance de receber um diagnóstico errado pelo menos uma vez ao ano

sim uma troca de informações, sensores em casa, como *home care*.”

Como resultado de tudo isso, quando o paciente visitar um profissional, esse momento será mais duradouro e humanizado, sem que o médico precise escrever prontuários longos em vez de ouvir o pa-

ciente. “Nos Estados Unidos, uma consulta dura, em média, sete minutos”, comentou. Para Topol, o médico não perderá seu papel para a IA na medida em que se adaptar a ela.

Segundo ele, todos têm um celular e uma rede de dados na mão para fazer seus próprios exames e enviá-los para o médico. Talvez essa não seja uma realidade brasileira, mas ele considera, de forma otimista, que “a revolução já está acontecendo agora”.

Topol não deu detalhes sobre os aspectos éticos da IA e sequenciamento de genomas, que ainda estão em alinhamento, mas finalizou destacando que “existem riscos, mas, ao longo do tempo, será a maior transformação da medicina.”



Charles Souleyman, presidente da Comissão Científica do Conahp 2022 e CMO da Amil, mediu a conversa com Topol

# “NOVO NORMAL” TECNOLÓGICO EM HOSPITAIS

Frequente nas mesas de discussões quando o assunto é futuro da saúde, o uso das ferramentas digitais na gestão foi também tema na tarde do primeiro dia de Conahp presencial. Falando sobre “O futuro dos hospitais e os hospitais do futuro”,

Luiza Mattos, sócia da Bain & Company, e Tania Menéndez Hevia, Digital Transformation Officer na Ribera Group, mostraram alguns caminhos para a implementação da digitalização no atendimento a pacientes e os obstáculos dessa nova realidade.

É unanimidade que os desafios que a pandemia de Covid-19 impôs ao setor de saúde aceleraram as tomadas de decisão quanto à implementação de sistemas digitais. A executiva do Ribera Group relatou que, no período, o monitoramento de forma remota foi muito utilizado por pacientes e médicos, e de forma eficaz. “Conseguimos prever a utilização de UTIs”, exemplificou, destacando que, com sistemas preditivos, é possível trabalhar com problemas de forma antecipada na gestão dos hospitais.

Ainda de acordo com ela, a saúde está sendo alavancada com *healthtechs* que ajudam na gestão com aplicativos diversos que podem ser usados, inclusive, por gerações menos conectadas. Hevia se referia ao monitoramento de doenças crônicas, prevenção da saúde e promoção de bem-estar, estímulo cognitivo para quem sofre



Denise Santos, vice-presidente da Comissão Científica do Conahp 2022 e CEO da BP, foi a moderadora da plenária

de algum dano cerebral ou dietas para oncologia. “Atualmente, essa é a ponta do iceberg, ainda temos muito o que trabalhar.”

A sócia da Bain & Company concordou. Mattos lembrou ser necessário construir competências dentro dos ambientes de saúde para a solidificação dessa transformação digital. Porém, entende que, no Brasil, isso está acelerado, principalmente quando se fala em telemedicina

ou atendimento à distância, para poder englobar todo o cuidado ao paciente. “Mas precisamos testar cenários, avaliar a visão de experiência do usuário e colaborador. Há um desafio de integração da cadeia.”

Segundo ela, além disso, é necessário saber gerir bem os parceiros e seus custos com um modelo de gestão de produtos e uma visão de saúde populacional. “A solução completa não é ape-

nas clínica, ela deve parar de pé economicamente.”

Outro ponto importante em debate foi o treinamento e a integração das equipes, que se encontram em um ambiente novo, não analógico, muitas vezes inexplorado anteriormente. “Novas competências precisam se desenvolver, como trabalhar com equipes multidisciplinares, com desenvolvedores e cientistas de dados”, finalizou.



# PROPOSTAS PARA OPERAÇÃO DO SUS

Olhar para os problemas da saúde brasileira pressupõe o enfrentamento de questões estruturais, seja de falta de recursos, investimentos tecnológicos, formação de profissionais, padronização de sistemas e tantos outros.

O tema foi abordado no Conahp 2022 com a participação do ex-ministro da Saúde Nelson Teich e Fernando Torelly, CEO do Hcor e conselheiro da Anahp. A mesa foi moderada pela CEO e fundadora do Laços Saúde, Martha Oliveira.

Segundo Teich, que atualmente integra a Rede Governança Brasil contribuindo com estratégias para melhoria da governança em gestão para o Sistema Único de Saúde (SUS), o Brasil precisa de uma reestruturação completa. "Pequenas mudanças não vão funcionar. O problema da saúde é que não podemos resolver por partes, temos que trabalhar sempre o todo."

O ex-ministro realizou uma breve apresentação do cenário brasileiro, trazendo dados que demonstram evidente desigualdade

de entre municípios e, até mesmo, as diferenças entre macrorregiões do país.

Para Torelly, que também preside a Associação Voluntários da Saúde, as discrepâncias entre as diferentes

realidades do Brasil impactam toda a sociedade. "Muitas vezes, nós chegamos a um hospital que tem a vontade de melhorar, de buscar aperfeiçoamento e melhorar a qualidade assistencial, por



O ex-ministro da Saúde Nelson Teich apresentou propostas para o SUS durante o Conahp

exemplo, mas não tem recursos para fazer isso. Muitas vezes, a desigualdade é tão grande que não nos permite fazer um diagnóstico para solucionar de fato o problema.”

Teich, por sua vez, reiterou que o foco deve estar na gestão. “Uma gestão eficaz permite a distribuição correta dos recursos de acordo com cada necessidade específica de uma região. Quando fazemos isso, estamos olhando corretamente para o problema como um todo, e não apenas para aquela parte que está na nossa frente.”

Os palestrantes identificaram a importância desse olhar mais amplo para a saúde, levando em consideração recursos, infraestrutura, estratégias operacionais e acesso. “Temos indicadores que nos ajudam a avaliar a situação de forma isolada, considerando as particularidades socioeconômicas e

geográficas para compreendermos as diferenças”, afirmou Teich.

Neste aspecto, Torelly e Teich entendem que a inovação é fundamental, porém, é preciso observar de que forma ela chega aos hospitais. “A inovação do jeito que é feita hoje só aumenta a desigualdade. Se você tem um recurso limitado, você vai precisar escolher para onde vai esse dinheiro. E, se formos optar pelo novo e ele estiver caro demais, acabamos sacrificando o velho que funcionava muito bem”, destacou o ex-ministro.

Entre as propostas apresentadas por Teich para ampliar a conversa, sobretudo em um momento de transição de governos, estão a necessidade de ampliar o investimento coordenado e qualificar a gestão pública nos três níveis governamentais em relação à regionalização, inclusive com

o desenvolvimento de ferramentas institucionais.

“Temos ainda que identificar, discutir, definir os papéis e responsabilidades entre atores-chave das redes, engendrar esforços referentes à integração de dados nos sistemas nacionais de informação em saúde e realizar um estudo complementar para avaliação do impacto da saúde suplementar nas macrorregiões”, ressaltou o médico.

Torelly complementou que o problema perpassa governos. “Eu entendo que podemos fazer muito mais do que está sendo feito, e isso vai além das esferas públicas, inclui a todos nós”, finalizou, complementando: “A Covid-19 nos ensinou uma coisa: colaboração é fundamental. Precisamos de um grande movimento social para que a gente mude a realidade da saúde no país”.



Fernando Torelly (Hcor), Nelson Teich (ex-ministro da Saúde) e a moderadora Martha Oliveira (Laços Saúde) falaram sobre melhorias para o sistema público

# “É NECESSÁRIO EXCELÊNCIA E DIGNIDADE, NÃO UMA META A SER ALCANÇADA”, AFIRMA ELIZABETH TEISBERG



Fernando Ganem, conselheiro Anahp e diretor geral do Hospital Sírio-Libanês moderou a plenária de Elizabeth Teisberg

Fechando o primeiro dia de Conahp presencial, Elizabeth Teisberg, diretora-executiva do Value Institute for Health and Care na Dell Medical School e McCombs School of Business da Universidade do Texas, nos Estados Unidos, afirmou que o atendimento de qualidade, baseado nas expectativas do paciente, melhora o resultado do cuidado e a gestão de recursos. “É necessário excelência, respeito, dignidade e não uma meta a ser alcançada. Cuidado com saúde deveria ser sobre saúde. Mas, na maioria dos casos, não é isso”, ressaltou.

De acordo com a norte-americana, as expectativas dos pacientes quando falam com seus médicos está desalinhada com quando falam para seus familiares. “No ambiente clínico,

quando pacientes estão doentes ou em fase de cuidado, demonstram gratidão, agradecem. Enquanto no ambiente familiar e na sociedade, relatam incapacidades cognitivas, dificuldades para voltar ao trabalho, prejuízos na convivência social e problemas psicológicos.”

Essa contradição de relatos acontece em decorrência do tipo de medição realizada pelo próprio setor de saúde, que leva em consideração apenas o desfecho clínico e não a opinião do paciente, conforme avaliação de Teisberg. Essa conclusão é consequência de um estudo com uma

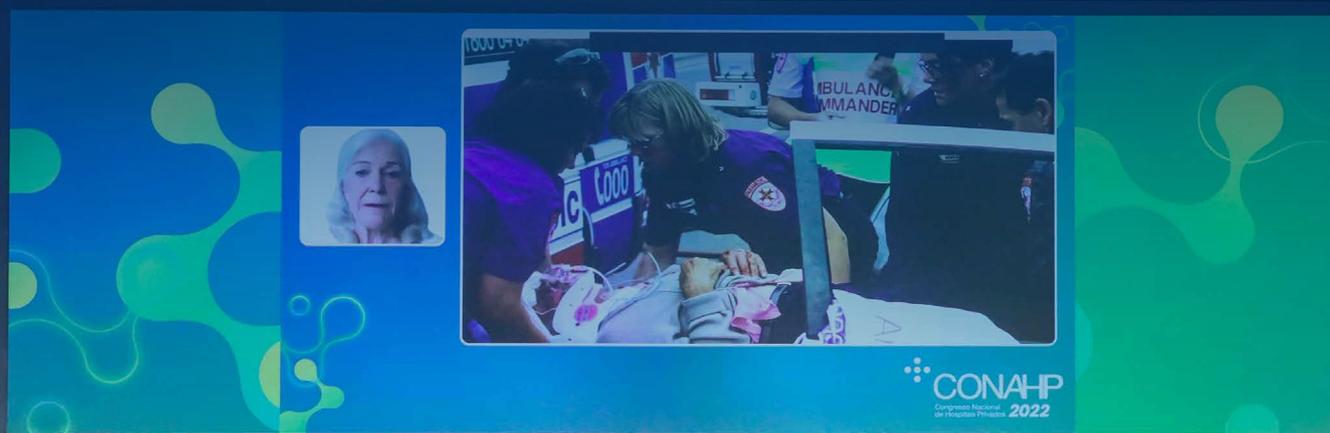
amostra de pacientes que passaram por tratamento de câncer de mama, objeto de pesquisa da acadêmica.

Em outro estudo, desta vez com crianças recém-nascidas no Texas, o tratamento de forma humanizada, equitativo, acessivo e inclusivo proporcionou melhoras, inclusive, em bebês que sofriam de condições graves. “Quais serviços são necessários para que essa criança cresça feliz e saudável e não apenas se salve da morte?”, questionou.

A médica ainda defendeu que cuidados voltados para o paciente e sua tra-

jetória como um todo, desoneram os hospitais. “Se alguém fizer cirurgia e não se recuperar, é pior para a fonte pagadora, assim como quanto tempo ela permanece internada. Se a doença não avançar, não será necessário permanecer no hospital”, reiterou.

“Com relação à equidade, precisamos, inclusive, projetar e organizar o cuidado de acordo com as necessidades de cada um e priorizar quem sofre com as disparidades”, finalizou, ressaltando que, após a pandemia, o tema se tornou manchete e a saúde começou a rever os conceitos de atendimentos uniformes.



# O EFEITO DA PANDEMIA SOBRE O CENÁRIO DE DOENÇAS CRÔNICAS

Marcando o último dia do Conahp 2022, especialistas se reuniram para falar sobre propostas e desafios enfrentados pelos setores de saúde pública e suplementar no combate às sequelas da Covid-19.

Sob o tema “O impacto

da pandemia de Covid-19 nas condições crônicas: como preparar o sistema para essa nova realidade”, Mariângela Simão, diretora-geral adjunta de Medicamentos e Vacinação da Organização Mundial da Saúde (OMS); Margareth Dalcolmo, pesquisadora da

Fiocruz; e José Henrique Germann, ex-secretário da Saúde do Estado de São Paulo, debateram o cenário atual do país e os caminhos possíveis para a melhoria da assistência à população.

Abrindo o debate, Simão apresentou dados do Brasil e do mundo que apon-



No palco, Margareth Dalcolmo (Fiocruz) e o moderador da plenária, Sidnei Klajner (Hospital Israelita Albert Einstein); e, no telão, José Henrique Germann (ex-secretário de Saúde de SP) e Mariângela Simão (OMS)

tam para a necessidade de se desenvolver estratégias que absorvam a demanda elevada por atendimento a doenças crônicas, sejam aquelas que deixaram de ser diagnosticadas e/ou tratadas durante a pandemia, ou as que surgiram no período de arrefecimento da Covid.

“A Covid-19 tornou pior muitas coisas que já não estavam bem antes, levando ao aumento de incidência de diversas doenças e condições, como diabetes, hipertensão, câncer e problemas cardiovasculares e respiratórios, por exemplo”, alertou.

Com moderação do presidente do Hospital Israelita Albert Einstein, Sidney Klajner, Dalcolmo e Germann ampliaram a discussão sobre o tema. Para a pesquisadora da Fiocruz, uma das principais referências do país durante a pandemia, não há dúvidas de que ninguém estava preparado para o enfrentamento das sequelas da Covid.

“Para atender a essa crescente e complexa demanda, torna-se fundamental pensarmos em modelos de assistência que ainda não temos hoje. Acredito que seja de suma

importância criarmos centrais de atendimento adequadas para receber essa grande parcela da população que sofre com doenças crônicas provenientes ou agravadas pela pandemia”, reforçou.

Germann complementou, atentando para a necessidade de preparar o sistema para que haja condições de atender à nova situação. Conforme explicou, o Brasil enfrenta hoje duas situações: pessoas que ficaram aguardando o retorno dos atendimentos eletivos e pessoas que desenvolveram doenças a partir deste período. “É uma demanda muito maior, e está claro que o sistema

não consegue absorver.”

Entre as soluções traçadas pelos palestrantes, a realização de um trabalho colaborativo que ocorra em parceria entre saúde pública e privada é uma oportunidade que deve ser considerada por todos os atores da saúde. “O Brasil é um país cuja desigualdade é imensa, mas já tivemos a participação da iniciativa privada em grandes projetos de muito impacto ao longo da pandemia. Isso cria uma cultura colaborativa que acredito realmente que faria a diferença neste novo cenário que estamos enfrentando”, pontuou Dalcolmo.



Em sua fala, a pesquisadora Margareth Dalcolmo falou sobre o despreparo do sistema na chegada da pandemia e as medidas que precisaram ser tomadas

Os especialistas destacaram a necessidade de se criar políticas públicas a fim de suprir a elevada demanda e acreditam que o País tem condições de criar modelos de enfrentamento para que, no futuro, situações como estas não desestrutem o sistema de saúde da mesma forma.

“Seja no atendimento suplementar ou complementar, nosso grande esforço vai ser resgatar os serviços que sempre

prestamos e que, agora, estão defasados frente ao aumento das demandas”, frisou Germann.

Nesse aspecto, a pesquisadora da Fiocruz destacou que contar com uma equipe de contingência qualificada é essencial. “Não podemos mais ser pegos com o despreparo que a Covid nos pegou. Teremos outras pandemias e precisamos estar preparados para lidar com isso. Precisamos formar um grupo de pessoas, incluindo personagens de

órgãos públicos e privados, que possa ser acionado no momento oportuno com estratégias concisas.”

Para Mariângela Simão, o Brasil pode aprender muito com a pandemia. “Precisamos refletir sobre tudo o que deu certo e o que não funcionou, não podemos voltar atrás em tudo o que avançamos neste período tão difícil. O Brasil tem condições de desenvolver modelos locais para superar esses obstáculos”, finalizou a especialista.



# ESPECIALISTAS DEBATEM FINANCIAMENTO DA SAÚDE

“O financiamento do sistema de saúde e o papel da integração público-privado para a sustentabilidade do setor” também foi tema de debate no último dia do Conahp 2022. No centro das discussões, os debatedores apontaram a falta de financiamento do Sistema Único de Saúde (SUS) e exaltaram a importância da atenção básica.

Gonzalo Vecina, médico e professor da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo

(FSP/USP), ponderou que, em relação ao SUS, deve ser considerado que o sistema tem 30 anos, existindo elogios e críticas a serem feitos. Entre as críticas, para o professor, está a verba destinada ao sistema, que é muito menor do que para a saúde suplementar quando comparada a países com ou sem sistemas universais.

“9% do PIB brasileiro está destinado ao setor privado, enquanto 4% ao público. O investimento

federal, que gira em torno de R\$ 260 milhões, tem que dar conta de 212 milhões de usuários, enquanto o setor privado atende menos com mais”, afirmou Vecina.

Adriano Massuda, professor da FGV-EAESP, que já foi secretário municipal de Saúde de Curitiba (PR) e secretário-executivo substituto da secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos no Ministério da Saúde, concordou com Vecina sobre





Gonzalo Vecina (FSP/USP) em sua fala na plenária sobre financiamento do SUS

a falta de financiamento e ressaltou que os municípios acabam sendo os mais abalados, uma vez que é ali que acontece a compra de insumos, o pagamento da folha de colaboradores etc. Ele ainda mencionou o subfinanciamento, fazendo uma comparação com países europeus. "Lá, de cada 10 reais, 7 ou 9 vão para a saúde pública, aqui esse número não passa de 4."

Como solução, Massuda disse ser preciso repensar a política de austeridade, com valores corrigidos pela inflação. Além disso, sugeriu uma releitura do pacto federativo, ou seja, uma melhor distribuição de responsabilidades en-

tre os entes federados. "A municipalização foi importante para capitalizar a rede assistencial,

inclusive na resposta à Covid-19."

Vecina concordou que a experiência com a pandemia mostrou muitos caminhos. "A gente percebeu que precisamos fortalecer um sistema de saúde universal, integral. Ofertar não apenas teste, mas oferecer leito, por exemplo", afirmou, destacando que a regulação deve ser repensada e a integração entre saúde pública e privada também, independentemente de questões financeiras, mas de forma "democrática".

Além da distribuição do orçamento, os palestrantes discutiram como o recurso chega à população.



Adriano Massuda (FGV-EAESP) durante sua fala no Conahp 2022

Massuda lembrou o protagonista da reforma sanitária que deu início ao SUS em 1988. “Sergio Arouca falava que a reforma sanitária não é administrativa, tem que ganhar a sociedade”. O ex-secretário sinalizou que, para uma saúde de qualidade e para que a equidade seja promovida, é necessário fortalecer a atenção primária, melhorar a conectividade, a eficiência do gasto, a relação público-privado, a formação profissional e a tecnologia em saúde, além de rever a questão da regionalização.

Considerando que “a saúde começa na ponta” dos 5.570 municípios, Mauro Junqueira, secretário-executivo do Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde (Conasems) também destacou que “os sistemas públicos e privados do mundo estão apostando em uma atenção primária de qualidade, que resolva 80% dos casos”, reiterando a importância do SUS e a discussão sobre seu financiamento e funcionamento. “As vacinas vêm do SUS, os atendimentos em casos de acidentes nas estradas são feitos pelo

SAMU, e assim por diante.”

Junqueira afirmou ainda que qualquer plano não será tangível se a rotatividade de gestores não diminuir, pois o alinhamento de planos estratégicos depende dessa constância. “Em 34 anos de SUS, foram 31 ministros”, lembrou.

Ele exemplificou ressaltando que um município já teve, em três anos

de mandato do prefeito, 17 secretários de Saúde, ponderando ser necessário um plano mais estratégico e baseado em evidência para a alocação de recursos. Para isso, citou as emendas parlamentares, que nem sempre são destinadas para o que é necessário no SUS, seja uma UPA, um hospital especializado, ou equipamentos de mamografia.



Mauro Junqueira (Conasems) falou sobre a importância de se investir em atenção primária

# INVESTIMENTO EM **PREVENÇÃO,** **INTEGRAÇÃO DE DADOS E** **RECONHECIMENTO** SÃO DESAFIOS DA SAÚDE SUPLEMENTAR

Com foco na saúde suplementar, especialistas debateram no segundo dia de Conahp desafios que o novo governo deve enfrentar e as mudanças necessárias para garantir qualidade e acesso à saúde. Além do mode-

rador Maurício Ceschin, conselheiro da Rede Mater Dei de Saúde, Pro Matre, Santa Joana e do Grupo Laços Saúde, participaram da plenária Manoel Peres, presidente da FenaSaúde; Paulo Chapchap, conselheiro

estratégico do Negócio de Hospitais e Oncologia da Dasa; Paulo Rebello, diretor-presidente da ANS; e Renato Casarotti, presidente da Abramge.

Para Peres, o primeiro passo do governo deveria ser reconhecer o pa-





Renato Casarotti (Abramge) em sua fala durante o Conahp 2022

pel da saúde suplementar no setor. “O sistema privado não é suficientemente compreendido, e é extremamente complexo por gerir um grande volume de recursos. É necessário reconhecer que, nos últimos 30 anos, o sistema [suplementar] entrega nas principais cidades do Brasil uma medicina de excelência, o que há de mais moderno no mundo”, disse, destacando a contribuição consistente do setor privado também na educação na área da saúde.

Neste sentido, Casarotti complementou dizendo que, em sua visão, a saúde suplementar passa pelo que chamou de crise existencial. Em sua percepção,

existe uma certa dificuldade em enxergar a lógica mutualista do setor privado, que é de livre escolha versus ló-

gica coletiva. “É como em um condomínio”, exemplificou, comentando que a integração de dados pode ser um fator solucionador. “Isso terá um efeito fantástico, porque hoje a jornada do paciente é fragmentada tanto no SUS como no particular e o prontuário único tende a diminuir perdas e desperdícios.”

Alinhado com a questão da sustentabilidade, Chapchap disse acreditar que uma boa mudança recente foi a adoção do pagamento por pacotes e por valor, principalmente nas unidades de emer-



Paulo Rebello (ANS) abordou os desafios da saúde suplementar do ponto de vista do órgão regulador



Paulo Chapchap (Dasa) destacou a importância de novos modelos de pagamento para a sustentabilidade da saúde suplementar

gência. Mas alertou que ainda é necessário garantir a sustentabilidade das atividades de prevenção. “O custo curativo é muito alto”, destacou. Para o executivo da Dasa, a falha no diagnóstico precoce é um dos pontos de atenção neste contexto.

Rebello lembrou que a saúde, de maneira, geral, está vivendo em um cenário de transição, o qual foi acelerado pela pandemia de Covid-19, e que este é o momento de dar um passo à frente. “Precisamos transformar tudo o que tem sido falado em prática, compreender o que a regulação

faz”, declarou. Em sua visão, é necessário que órgãos legislativos e ju-

diciários tenham maior compreensão do sistema e entendam a função do olhar do regulador, para que as decisões tomadas por agências reguladoras, como a ANS, sejam mais bem consideradas.

Diante dos desafios impostos pelos participantes da mesa, houve consenso entre eles sobre a necessidade de unificar o órgão de incorporação de novas tecnologias em saúde. Além disso, rever o tipo de cuidado que recebe maior enfoque: as linhas de cuidado longitudinais precisam receber mais atenção e investimento do que o serviço curativo fragmentado.



Manoel Peres (FenaSaúde) em sua fala durante o Conahp 2022

# MEMBRO DO PROGRAMA DE SAÚDE DO GOVERNO LULA, ARTHUR CHIORO APRESENTA PROPOSTAS PARA O SETOR

O Conahp 2022 encerrou sua programação com amplo debate sobre os planos do governo Lula para a saúde a partir de 2023. A conversa contou com a presença do ex-ministro da Saúde e

membro da coordenação do Programa de Saúde do governo eleito, Arthur Chioro, que apresentou as principais propostas que devem guiar o Ministério da Saúde nos próximos quatro anos.



Arthur Chioro, membro da coordenação do Programa de Saúde do novo governo eleito, encerrou o Conahp apresentando as principais propostas da nova gestão

Mediada pelo diretor-executivo da Anahp, Antônio Britto, também participaram da mesa membros do Legislativo, como Beto Preto (PSD-PR), Daniel Soranz (PSD-RJ), Luiz Antônio Teixeira Jr. (PP-RJ) e Pedro Westphalen (PP-RS). Além de representantes do setor da saúde: Fernando Silveira, presidente-executivo da Abimed; Francisco Balestrin, presidente do Sindhosp; Henrique Neves, vice-presidente do Conselho de Administração da Anahp e diretor geral do Hospital Israelita Albert Einstein; Marco Aurélio Ferreira, diretor de Relações Governamentais da Anahp; e Vera Valente, diretora-executiva da FenaSaúde.

Após breve diagnóstico da situação atual da saúde pública do país, Chioro colocou como questão primordial o resgate do programa nacional de vacinação, que, atualmente, apresenta queda de

cobertura em níveis preocupantes, e pediu apoio a fim de recuperar os patamares de imunização da população para acima dos 95%.

“O problema da vacina precisa de coordenação, precisamos retomar o plano que sempre foi exemplar. Um quadro sanitário dessa natureza, que encontramos neste momento, é inaceitável e precisa ser combatido”, destacou.

Soranz, por sua vez, reforçou a importância de olhar para a saúde do país com o objetivo de reestruturação, recuperação de projetos que são essenciais para a população. “Durante muitos anos, eu analisei sistemas de saúde de países de todo o mundo. Já pude ver, em alguns casos, sistemas que encontravam barreiras que os impediam de evoluir por determinado tempo, porém, nunca vi um sistema de saúde regredir como ocorreu em nosso país.”

Além do plano vacinal, o novo governo eleito define algumas de suas prioridades para dar continuidade às ações estratégicas que são

essenciais para a manutenção do sistema de saúde. Entre elas, Chioro citou o enfrentamento da pandemia, no sentido de compreender o impacto da Covid-19 na qualidade de vida da população, e buscar recursos que garantam uma gestão mais adequada em situações futuras.

A estabilização da Farmácia Popular e a assistência farmacêutica do SUS também surgem no topo da lista, sobretudo para restabelecer o fornecimento de medicamentos para o tratamento de doenças graves como hepatite e HIV, bem como a busca pela redução da fila de espera por procedimentos e consultas do SUS.

Teixeira Jr. frisou ainda a necessidade de desburocratizar o sistema de saúde privado, ator fundamental na melhoria da saúde como um todo. Complementando sua fala, Preto citou sua experiência no enfrentamento da Covid-19 no Paraná, em que a parceria com a rede privada foi fundamental para que conse-

guissem o melhor aproveitamento dos leitos.

Segundo Chioro, isso só é possível quando todas as partes estão dispostas ao diálogo. “Nós queremos ouvir todas as entidades da saúde, tanto do setor público como do privado. Isso é fundamental para construirmos políticas pautadas na estabilidade e segurança jurídica”, reiterou.

Os parlamentares ainda elencaram a saúde mental e a atenção ao público idoso como pontos de atenção especial do novo Congresso. De acordo com Westphalen, os tópicos destacados pelos colegas representam o que há de mais urgente no país, bem como investimentos em tecnologia e qualificação profissional.

“Vamos viver uma situação desafiadora, com risco de agravamento da situação sanitária, portanto, nosso trabalho hoje se trata da possibilidade de colocar o tema da saúde num local privilegiado na agenda do nosso país”, finalizou Chioro. ▀





# EM TODOS OS MOMENTOS,

no hospital ou em casa, nossa missão é TRANSFORMAR VIDAS ATRAVÉS DA NUTRIÇÃO.



**UM PORTFÓLIO COMPLETO**  
com soluções nutricionais desenvolvidas com nutrientes que contribuem para as mais diversas situações:



Paciente Crítico

Cicatrização

Diabetes

Sarcopenia

Alta Hospitalar



**E A PARCERIA DANONE VAI ALÉM!**

Com BOMBAS DE INFUSÃO para Nutrição Enteral e o sistema de Gestão TOTAL CARE pronto para sua Instituição!  
**SAIBA COMO!**



**TOTAL CARE**  
Inteligência em Gestão Nutricional

Saiba mais em: [www.academiodanonenutricia.com.br](http://www.academiodanonenutricia.com.br)

Os produtos mencionados foram desenvolvidos com nutrientes que contribuem para as situações descritas. A indicação dos produtos deve ser avaliada pelo profissional de saúde, caso a caso, conforme a situação clínica e nutricional do paciente.

Material destinado exclusivamente para profissionais de saúde. Proibida distribuição/reprodução total e/ou parcial.  
**OS PRODUTOS CITADOS NÃO CONTÊM GLÚTEN.** Imagens ilustrativas. Dezembro/2022.



## SESSÃO PÔSTER:

# A MUDANÇA COLOCADA EM PRÁTICA

Com o objetivo de disseminar as melhores práticas e cases de sucesso no setor da saúde, todos os anos o Conahp abre espaço para a exposição de trabalhos científicos na já consagrada Sessão Pôster. Esta edição destacou iniciativas inovadoras que contribuem para um sistema mais integrado, sustentável e que viabilize acesso qualificado à população.

Neste ano, foram 398 trabalhos inscritos, dos quais

158 participaram da exposição que aconteceu durante os dois dias de programação presencial do congresso, no Transamerica Expo Center, em São Paulo. Todos os cases foram referentes a práticas implementadas na assistência, novos protocolos, gestão de pessoas, sustentabilidade e inovação, além de outras áreas estratégicas para implementação de ações que potencialmente contribuem no processo de repensar as prá-

ticas da saúde no Brasil.

Pelo segundo ano consecutivo, a iniciativa contou com a parceria da FGV-EAESP, representada por uma equipe liderada por Ana Maria Malik, professora titular na instituição, para a curadoria dos trabalhos enviados. Além de Malik, na comissão avaliadora estavam: Cid Gusmão, Daniela Camarinha, Evandro Felix, Laura Schiesari, Mariana Carrera, Maria Laiz Zanardo e Wilson Rezende.

## Batalha de Pôsteres

Os dez trabalhos selecionados para a Sessão Pôster, ou seja, que obtiveram as melhores notas pela banca avaliadora, foram convidados a fazer uma apresentação na chamada Batalha de Pôsteres. O objetivo era extrair dali os três melhores, vencedores da edição.

Os trabalhos que participaram foram:

- Uso da energia fotovoltaica como estratégia ESG
- Impacto farmacoeconômico do serviço de farmácia clínica em um hospital privado do Rio Grande do Sul
- Implantação de um *hub* de inovação em um hospital oncológico filantrópico
- *Fast tracking* cirúrgico: jornada cirúrgica até o desfecho clínico
- Impacto da implantação de um serviço de medicina hospitalar no Sul do Brasil
- Resultado das capacitações realizadas para prevenção de hipotermia do recém-nascido muito baixo peso

- Controle da temperatura e umidificação durante aplicação de VNI em recém-nascidos internados em UTI

- Inclusão da equipe multiprofissional em sala de parto de prematuros a 32 semanas

- Rastreamento organizado de câncer colorretal através do teste *fit* para os colaboradores do HCFMUSP

- Avaliação do conhecimento sobre a doença arterial coronariana por meio do questionário CADE-E em PAC

Conheça todos os trabalhos selecionados em [conahp.org.br](http://conahp.org.br)

# Pôsteres **vencedores**

## 1º lugar

**Implantação de um *hub* de inovação em um hospital oncológico filantrópico**

**Autores:** Guilherme Hernandes Garcia Sanchez,  
Luís Gustavo Capochin Romagnolo e Mateus Frederico De Paula

**INSTITUIÇÃO:** HOSPITAL DE AMOR

## 2º lugar

**Impacto farmacoeconômico do serviço de farmácia clínica em um hospital privado do Rio Grande do Sul**

**Autores:** Arielen Dagostim Borges, Fernanda Viero Flores,  
Gabriele Lenhart e Vitória Volfart Da Rocha

**INSTITUIÇÃO:** HOSPITAL MÃE DE DEUS

## 3º lugar

**Rastreamento organizado de câncer colorretal através do teste para os colaboradores do HCFMUSP**

**Autores:** Adriana Vaz Safatle-Ribeiro, José Eluf Neto,  
Sérgio Carlos Nahas e Ulysses Ribeiro Júnior

**INSTITUIÇÃO:** HOSPITAL DAS CLÍNICAS (FMUSP)

PALCO ESTRATÉGICO

# SAÚDE DIGITAL

Nos últimos anos, as práticas da saúde digital têm ganhado o mundo. No Brasil, os conceitos que permeiam essa tendência já estavam sob o olhar atento das lideranças e, com os desafios impostos pela pandemia de Covid-19, foram impulsionados. O Conahp, sempre palco dos principais debates da saúde e das grandes tendências do setor, dedicou um espaço exclusivo, patrocinado pela empresa parceira Boston Scientific, para tratar do tema.

## TECNOLOGIA TEM QUE SER ORIENTADA PARA AS NECESSIDADES REAIS DA SAÚDE

O palco estratégico Saúde Digital trouxe para o Conahp 2022 o debate sobre “Como a tecnologia pode ampliar a eficiência, o acesso e a melhoria da qualidade

da atenção prestada ao paciente”. Na opinião do reitor associado e professor da Universidade de Stanford, Robson Capasso, a primeira regra é obedecer a

Patrocínio:

**Boston  
Scientific**  
Promovendo o avanço da ciência  
para a preservação da vida™

lógica de que o problema vem antes da solução. “Tem muita tecnologia sendo criada para aplicações onde não é necessária ou para demandas inexistentes”, avaliou.

Capasso, que é brasileiro, destacou que nos Estados Unidos as inovações tecnológicas, muitas vezes, atendem mais a interesses de marketing do que de desfecho clínico. “E isso é mais um indicativo de que o Brasil não deve simplesmente copiar o que está sendo feito nos Estados Unidos. O desenvolvimento da saúde no Brasil deve focar nas necessidades específicas do país e da América Latina”, resumiu.

Para o especialista, a jornada do paciente tem que

servir de base para a inovação e para os procedimentos, cada vez mais, executados por equipes multidisciplinares, familiarizadas com a tecnologia e a cultura de resultados que realmente agreguem valor ao paciente. “Precisamos de profissionais com conhecimento em estatística e análise de dados para antecipar desfechos e tomar decisões que vão, de fato, aprimorar a assistência nos serviços de saúde brasileiros”, recomendou.

Fábio Cerqueira Lario, gerente de Informática Clínica e Tecnologia da Informação no Hospital Sírio-Libanês, lembrou a precariedade dos dados e como isso continua dificultando um avanço mais ágil

na área. “Não temos informação sobre toda a jornada e os dados disponíveis são pouco integráveis”, destacou. E ainda existe a questão dos vieses: “Vai ser preciso bastante investimento dos *players* e colaboração do governo para construirmos um banco de dados representativo e funcional”, analisou.

Nesse sentido, Eduardo Beljavskis, IT Business Partner da Boston Scientific, acrescentou a importância de uma regulamentação que oriente o movimento para uma transformação de valor real. “Precisamos de regras para acelerar o fomento e garantir que tudo isso resulte em mais acesso à saúde de qualidade”, finalizou.



Abrindo o palco estratégico sobre Saúde Digital, participaram do debate: Robson Capasso (Universidade de Stanford), Eduardo Beljavskis (Boston Scientific), Fabio C. Lario (Hospital Sírio-Libanês), e o moderador Felipe Cabral (Hospital Moinhos de Vento)

## SUCESSO DA INTEROPERABILIDADE EM ISRAEL OFERECE LIÇÕES IMPORTANTES

Amir Gilboa, ex-chefe de Saúde Digital da Healthcare Israel, participou de debate no palco estratégico Saúde Digital e contou como o seu país criou uma plataforma nacional de dados de saúde interoperáveis. “É preciso ter uma estratégia, entender o que é realmente importante e começar pequeno, em ambientes autônomos, porque não dá para ficar esperando obter permissões e apoio do governo

para projetos de grande escala”, resumiu.

Gilboa relatou que o projeto levou dez anos para ser concretizado e começou, exclusivamente, em uma das cinco divisões de gestão do sistema de saúde em Israel. “A partir dessa primeira, fomos integrando hospitais, clínicas e laboratórios aos poucos. E, de início, limitamos a quantidade de dados integrados ao sistema ao mínimo necessário”, revelou.

Antes de tudo isso, lembrou Gilboa, houve um planejamento minucioso. “Definimos quais informações queríamos e que todas deveriam ficar disponíveis em uma única interface, apesar de permanecerem armazenadas onde foram criadas. E, principalmente, que os usuários deveriam conseguir acesso à informação desejada em tempo real. E, então, nos concentramos exclusivamente nos desa-



Amir Gilboa (Healthcare Israel) participa de plenária junto de Alex Vieira (Hcor), Luis H. Mello (Bain & Company), Marcelo D'Agostino (OPAS) e do moderador Marcio Lobo (Boston Scientific)

“fios para atingir esses objetivos”, ensinou.

Luis Henrique Mello, Partner na Bain & Company, lembrou o fracasso do Reino Unido ao tentar criar de uma vez um prontuário eletrônico nacional para concordar com a estratégia de projetos-piloto. “Devemos focar no que vai gerar valor de imediato e ir aumentando o alcance, começando, talvez, por um pequeno grupo de hospitais”,

sugeriu. Marcelo D’Agostino, assessor sênior de Sistema de Informações e Saúde Digital do Departamento de Evidência e Inteligência para Ação em Saúde da sede da OPAS em Washington, destacou a necessidade de aprender com outros mercados. “O setor financeiro atingiu interoperabilidade vinte anos atrás”, exemplificou.

Alex Vieira, superintendente de TI, Inovação e

Transformação Digital do Hcor, acrescentou que uma das principais dificuldades para a interoperatividade no Brasil é de negócio. Para ele, acomodar os interesses distintos dos vários *players* é uma tarefa provavelmente mais complicada do que superar os desafios operacionais. “Precisamos de líderes com a consciência de que a mudança depende das pessoas”, finalizou.

## TRANSFORMAÇÃO DIGITAL EXIGE ESTRATÉGIA PARA APLICAÇÃO DA TECNOLOGIA

A transformação digital no setor hospitalar está em curso, mas há muito a ser corrigido para o processo alcançar os resultados esperados. Jackson Barros, Strategic Business Development Manager da Amazon Web Service (AWS), destacou que “o problema não é ter tecnologia, mas saber aplicá-la de maneira produtiva e integrada”.

Para ele, a gestão de dados ainda não atingiu um status estratégico e, por isso, o sistema não é capaz de aproveitar todo o potencial que o atual ambiente de big data em saúde oferece. “As melhores de-

cisões são tomadas com base em informação, mas a informação precisa estar disponível e clara no momento que o gestor precisa”, pontuou.

Também é importante que os dados estejam conectados aos processos e projetos de aprimoramento da operação. “Todo mundo tem algum tipo de mecanismo para medir a taxa de ocupação dos leitos, por exemplo. Mas existem protocolos para variações fora da curva? Todos sabem o que fazer de imediato? O dado tem sempre que servir para alguma coisa”, explicou.

Rodrigo Abdo, diretor de Novos Negócios Latam da Philips, afirmou que a transformação digital vai muito além da informatização e envolve planejamento, capacitação e engajamento. “A transformação digital depende de cultura”, disse. Daennye Bezerra, diretora de Prontuário Eletrônico do Paciente da MV, foi na mesma direção e lamentou que “muitas instituições não evoluem mais rápido por resistência das próprias equipes”.

Para Vitor Ferreira, gerente de Tecnologia da Informação do Hospital Moinhos de Vento e moderador da plenária, mais preocupante do que as falhas dessa transformação é observar que mais de 5 mil hospitais continuam fora dela. “A dife-

rença de quem está evoluindo para quem está parado está ficando abissal e perigosa. Como vamos lidar com isso? Temos que parar de olhar apenas para os nossos hospitais e considerar o todo”, sugeriu.

Rogério Pires, diretor do segmento de Saúde na TOTVS, apontou a necessidade de um esforço maior para compartilhar conhecimento, recursos e capacitação. “Vamos precisar de mais cooperação entre os *players* para criar uma solução funcional, que vai exigir o estabelecimento de padrões”, opinou. “Talvez esse trabalho conjunto só seja possível com o apoio e estímulo de uma regulamentação governamental”, concluiu.



No palco: Daennye Bezerra (MV), Rogério Pires (TOTVS), Rodrigo Abdo (Philips), o moderador Vitor Ferreira (Hospital Moinhos de Vento), e Jacson Barros (Amazon Web Service)

## PROGRAMA DO PROADI-SUS MOSTRA POTENCIAL DA TELEMEDICINA

Carlos Pedrotti, gerente médico no Hospital Israelita Albert Einstein, demonstrou no palco estratégico Saúde Digital que o potencial da telemedicina vai além do que, simplesmente, evitar visitas desnecessárias ao pronto-socorro. Para isso, apresentou o projeto “Ambulatório de Telespecialidades”, do Proadi-SUS, que está qualificando e multiplicando, com equidade, o acesso à saúde em localidades remotas e carentes. “Te-

lemedicina é principalmente uma ferramenta para oferecer assistência a quem mais precisa”, resumiu.

O projeto de teleespecialidades possibilita que médicos, em mais de 190 pontos da região Norte do Brasil, recebam o apoio remoto de especialistas do Einstein para avaliação de casos mais complexos antes de decidirem pelo encaminhamento para hospitais que ficam a dias de viagem de barco, por exemplo. “Foram mais de 60 mil



Eduardo Cordioli (Grupo Santa Joana) mediou o debate entre Donizetti D. Giamberardino Filho (CFM), Rene Santos (Conass) e Carlos Pedrotti (Hospital Israelita Albert Einstein)

consultas em um ano e somente 1% precisou de atendimento em outras unidades”, ilustrou Pedrotti. Além disso, houve uma capacitação que permitiu às equipes locais resolverem os casos que se repetiram posteriormente.

“O serviço oferece especialidades como cardiologia, neurologia, reumatologia, pediatria, pneumologia, psiquiatria, entre outras, e, em vez de o paciente ir ao especialista, o especialista vai ao paciente”, explicou o médico. Pedrotti também ressaltou o ciclo virtuoso proporcionado pela telemedicina com redução de custos de transportes e emissão de gases, liberação de recursos escassos para outras prioridades das comunidades, além de mais bem-estar para os pacientes e familiares.

Rene Santos, coordenador de Desenvolvimento Institucional do Conass, adiantou que o projeto já está sendo expandido para o Nordeste e o Centro-Oeste. “A saúde digital é uma grande oportunidade para aprimorar o SUS e temos que aproveitar esse momento para avançar”, destacou.

E Donizetti Dimer Giamberardino Filho, conselheiro federal pelo Estado do Paraná no Conselho Federal de Medicina (CFM), afirmou que já está claro que a tecnologia não veio para “baixar a régua ou substituir o profissional de saúde”. Ele também elogiou o modelo de atendimento conjunto entre o generalista e o especialista. “Temos que convencer o médico de que o tempo que ele passa em uma interconsulta é um período em que ele aprende muito mais”, finalizou. ■

# Com trabalho humanizado e foco no paciente,

a Sodexo On-site conquista, novamente, o selo IQG nos serviços de Higiene Hospitalar

**sodexo**  
SAÚDE



A Sodexo On-site acaba de renovar o selo por Distinção pelo Serviço de Higienização e Limpeza Hospitalar prestado nos hospitais Unimed Litoral, Unimed Ribeirão Preto e Santa Cruz.

A Certificação por Distinção é regulamentada pelo IQG (Instituto Qualisa de Gestão), principal autoridade acreditadora de sistemas de gestão da qualidade para instituições de saúde no Brasil e na América Latina, e leva em consideração fatores como:

- Padrões de excelência alcançados;
- Implementação dos protocolos e das diretrizes das práticas de higiene;
- KPIs consistentes.

Baseada em sua atuação Global e com mais de 40 anos de experiência no mercado brasileiro, a Sodexo On-site é uma aliada estratégica, especializada nas instituições de saúde, com excelência nos serviços prestados, compromisso com a qualidade dos processos e cuidado humanizado. Sempre buscando a recuperação do paciente no menor tempo possível, com o máximo de bem-estar.

A certificação IQG reforça o compromisso da Sodexo On-site com o cuidado e experiência dos pacientes, bem como a parceria com os gestores hospitalares para melhoria contínua da eficiência, controle e ampliação da capacidade de atendimento.

## Inovação: um ponto fundamental na manutenção do selo de higiene hospitalar

O constante aprimoramento dos serviços foi ponto de destaque na renovação do selo de distinção em Higienização. A Sodexo On-site trouxe para o Brasil o SSF (Soft Service Framework) um protocolo de Serviços exclusivo que agrega as melhores práticas desenvolvidas nos diversos países em que atua, adaptadas à realidade brasileira. A metodologia conta com um sistema de gestão Web e Mobile que auxilia a gestão operacional de back office, facilitando e agilizando as atividades diárias dos colaboradores.

[Clique aqui para conhecer a solução](#)

## Pioneirismo em Nutrição Clínica

Essa é a terceira vez que a empresa recebe o selo de Certificação por Distinção pelo Serviço de Nutrição e Dietética, seguindo pioneira na conquista no mercado. O processo para obtenção da certificação avaliou quesitos como governança, gestão de pessoas, suprimentos, processos, produção, estrutura assistencial e indicadores. O comprometimento de cada uma das nossas pessoas e a nossa cultura de qualidade foram cruciais para essa validação.

[Clique aqui para conhecer a solução](#)

STARTUPS  
anahp

Parceiro:

Associação Brasileira de  
STARTUPS DE SAÚDE

# Inovação e empreendedorismo na saúde

Neste ano, a iniciativa do Conahp que busca dar visibilidade para startups com soluções inovadoras para a saúde chegou em sua 5ª edição com um formato diferente. O Desafio de Inovação Conahp 2022 foi lançado como uma parceria da Anahp e da ABSS (Associação Brasileira de Startups de Saúde), que se uniram com o objetivo de capacitar e acelerar o processo de inovação e transformação digital nos hospitais.

Para tanto, foram mapeadas as principais necessidades do setor hospitalar por meio de uma [pesquisa com hospitais de diferentes portes](#), áreas de atuação e natureza jurídica. As associações, então, identificaram quatro macrotemas considerados os principais gargalos tecnológicos do setor, que acabaram convertidos nas verticais



As startups selecionadas para participar do Conahp 2022 tiveram espaço reservado na área de exposição do evento

que guiam o Desafio: Modelos de Remuneração; Modelos Assistenciais; Interoperabilidade; e Capacitação e Retenção.

Para Evelyn Tiburzio, diretora técnica da Anahp, a parceria

com a ABSS trouxe uma profissionalização para o programa, marcando a evolução do programa. “Nossa área de inovação vem amadurecendo no decorrer dos anos. (...) Nesta

edição conseguimos promover uma troca muito bacana, um *matchmaking* efetivo entre os hospitais e essas startups da área da saúde”, disse.

Do lado da ABSS, quem esteve à frente do projeto foi Helen Mazarakis, diretora na instituição. Em sua visão, o projeto não apenas contribuiu para o desenvolvimento de soluções mais efetivas diante de desafios reais dos hospitais, mas também para a evolução das próprias startups. “Acreditamos que, nesse momento, estamos com *healthtechs* mais maduras e que entenderam as regras do mercado de saúde, e isso vai ser muito mais profícuo para que outras parcerias sejam desenvolvidas”, declarou.

## Conheça mais sobre o Desafio de Inovação Conahp 2022

No vídeo, saiba um pouco mais sobre o projeto, veja o que dizem os vencedores e conheça detalhes das iniciativas apresentadas por cada um deles durante o Conahp 2022.



# AS VENCEDORAS

Durante a programação do congresso, no palco estratégico *Healthtechs*, foram anunciadas as quatro vencedoras do Desafio de Inovação Co-

nahp 2022. Ao apresentar as ganhadoras, o presidente da Associação Brasileira de Startups de Saúde (ABSS), Cristiano Teodoro, concluiu que “o

Brasil está bem adiantado em tecnologia na saúde”.

As vencedoras foram: **HOBOX, LinkFit, MyCareforce e Portal Telemedicina.**

## Processo de seleção

Ao todo, foram mais de 40 inscrições no Desafio, das quais foram selecionadas 25, que tiveram a oportunidade de ouvir diretamente dos hospitais-anfitriões do programa suas

principais dores no que se refere à tecnologia. As startups, então, puderam adequar suas soluções de maneira a atender mais efetivamente ao mercado antes de apresen-

tá-las à comissão avaliadora. Por fim, dez foram selecionadas para seguir no programa e estar presente na feira de exposições do Conahp 2022. Foram elas:



Neonpass Room, da **HOOBBOX**, é a solução número 1 dos hospitais a digitalizar todos os pedidos dos pacientes com foco em eficiência assistencial e giro de leito, permitindo que os pedidos sejam enviados diretamente para as áreas.



Através da plataforma inteligente de telemonitoramento de dores crônicas da **LinkFit**, é viabilizada a execução de treinos e sessões fisioterápicas remotas, com a qualidade e segurança de um atendimento presencial.



A **MyCareforce** é um marketplace que conecta unidades de saúde a técnicos de enfermagem e médicos para cobrir os turnos que têm por preencher.



A **Portal Telemedicina** é uma plataforma de telediagnóstico, teleconsulta e gestão de saúde populacional, que integra diretamente a prontuários e *devices*, transferindo dados para que médicos possam prover diagnósticos e teleconsultas.



A **Fix it** traz a inovação no setor de impressão 3D, com produto e serviço para a imobilização articular com talas feitas com polímero biodegradável com o bagaço da cana-de-açúcar, beterraba e milho, para substituir o gesso.



Através de impressão 3D, a **M3DIC** fabrica dispositivos inovadores, além de reduzir custo operacionais. Os biomodelos 3D, por exemplo, são produzidos a partir de imagens do paciente adquiridas por ressonância ou tomografia computadorizada.

 **Medflow**

A **Medflow** conta com um time médico e de tecnologia de ponta capaz de implantar protocolos dentro do seu prontuário de uma forma inovadora.

**Previneo**

A **Previneo** utiliza algoritmos de inteligência artificial para estratificar o risco de desenvolvimento das principais doenças crônicas através de um sistema *web-based*, e gera estratégias personalizadas para redução de risco.



**Tato Fisioterapia Inteligente** é uma *healthtech* especializada em gestão de cuidado e telerreabilitação de pessoas com dor musculoesquelética, e apresenta soluções para empresas e operadoras de saúde.



A **Weknow Healthtech** é a líder em soluções de dados para hospitais e operadoras do Brasil. Nasceu para resolver as dores relacionadas aos dados e informações da saúde para torná-la mais inteligente, conectada e acessível.

PALCO ESTRATÉGICO

# CORPO CLÍNICO

Patrocínio:

UNICRED 

Parte essencial dos serviços de saúde é o corpo clínico atuante nas instituições. O desafio de engajar estes profissionais passa por processos de formação, habilidades de lideranças e o equilíbrio entre autonomia e envolvimento com os objetivos e princípios do ambiente onde atuam. Entendendo

que, sem evolução do corpo clínico não há mudanças efetivas na saúde, o Conahp 2022 se propôs a debater temas diretamente relacionados a este braço do cuidado. A seguir, você confere a cobertura completa do palco estratégico Corpo Clínico, que contou com o patrocínio da Unicred.

## EDUCAÇÃO MÉDICA DEVE SER ORIENTADA PELAS NECESSIDADES DO PACIENTE

No painel “Desafios e oportunidades para a educação médica”, Melvin S. Blanchard, Chair of Medicine na Greater Baltimore Medical Center (GBMC), resumiu que o principal nessa área é treinar os médicos para oferecer cuidados de acordo com as necessidades dos pacientes.

“A medicina é uma atividade muito complexa atualmente, com novos recursos, expectativas mais elevadas, além da obrigação de sempre considerar a saúde física e mental”, ilustrou. Para ele, as competências e habilidades têm que ser alinhadas a essa nova realidade.

de que preconiza o paciente no centro da assistência.

Blanchard lembrou que era comum ensinar somente as ciências básicas nos primeiros anos do curso de medicina, mas que hoje é necessário apresentar precocemente o funcionamento do sistema de saúde aos estudantes e outras competências indispensáveis, como a habilidade de comunicação. “Além disso, o médico tem que aprender e se adaptar ao trabalho multidisciplinar em treinamentos em conjunto com profissionais de outras áreas”, recomendou.

Para o especialista, o formato com modelos e currículos padronizados está desatualizado. “É hora de pensar em meios de capacitação indivi-

dualizados, adaptados às necessidades e características específicas”, sugeriu. Também é indispensável embarcar na transformação digital. “Devemos formar um profissional interessado nas inovações e em utilizar metaverso, inteligência artificial e realidade virtual para incrementar os processos educacionais”, afirmou.

Blanchard ressaltou que existem muitas pesquisas sobre o ensino em saúde e que é preciso aplicar o que já se descobriu sobre o assunto nos programas educacionais, pois existe um *gap* entre o que é feito e o que se sabe que deve ser feito. “Assim vamos criar um ambiente positivo e estimulante, que vai assegurar a aderência às boas práticas médicas”, previu.

Outro ponto fundamental, na sua opinião, são as pessoas.

“Precisamos colocar profissionais preparados para orientar corretamente e, principalmente, oferecer *feedbacks* qualificados”, destacou. Além de estimular o desejo de aprender continuamente: “Nos Estados Unidos, a carreira de um médico dura, aproximadamente, 40 anos e, nesse período, o conhecimento da área vai ter dobrado”, exemplificou.

Por fim, Blanchard disse que todo esse esforço deve ser orientado para promover a qualidade e a equidade nos sistemas de saúde. “Nossa função é garantir que todos tenham a melhor assistência, não importa o ambiente em que estejam”, finalizou.



Melvin S. Blanchard (Greater Baltimore Medical Center) e o moderador Alexandre Houlthausen Campos (Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein)

# LÍDERES DA SAÚDE TÊM QUE SER PREPARADOS PARA O NOVO CENÁRIO MUNDIAL

Michelle Lampton, líder do Cleveland Clinic Learning Experience Design Center, revelou que a saúde enfrenta um movimento acelerado de evasão de profissionais. “Estamos perdendo cerca de 20% da nossa força de trabalho, e quase 30% desse grupo está saindo por *burnout*”, detalhou. Para ela, a tendência é de que a retenção de talentos seja cada vez mais difícil e isso

pode ser tornar um problema sério. “Temos que construir ambientes mais acolhedores e inclusivos”, sugeriu.

Lampton explicou que o fenômeno foi agravado pela Covid, mas que essa não é a única causa. “Vivemos um cenário VUCA (do inglês, Volatility, Uncertainty, Complexity e Ambiguity) na saúde, que é uma das indústrias que mais se transformam, com índice de inovação jamais visto.

Tudo isso pressiona os profissionais”, esclareceu. Por isso, segundo ela, é preciso formar lideranças preparadas para enfrentar esses desafios, alinhadas com o futuro do mercado, os novos modelos de negócios e demandas operacionais.

Jaime Cocuy, consultor sênior de Saúde para clientes e parceiros da Korn Ferry, recomendou dar mais atenção aos jovens. “Temos que apresentar



Michelle Lampton (Cleveland Clinic Learning Experience Design Center), Jaime Cocuy (Korn Ferry), o moderador Henrique Salvador (Rede Mater Dei de Saúde), Fernando Ganem (Hospital Sírio-Libanês), Gabriel Dalla Costa (Hcor) e Rafael Klee (Unicred)

detalhadamente o setor, oferecer mais formação executiva e abrir espaço para inclusão e novas ideias”, afirmou. Ele acrescentou também que a preparação de novas lideranças é complexa e demorada, por isso esses profissionais devem ser desenvolvidos de acordo com as necessidades das organizações.

Fernando Ganem, conselhei-

ro da Anahp e diretor geral do Hospital Sírio-Libanês, confirmou a preocupação com a escassez de mão de obra e revelou que sua organização está investindo no acultramento e educação das equipes, inclusive com mais conteúdo sobre gestão. Gabriel Dalla Costa, CMO do Hcor, ressaltou que uma pesquisa nos Estados Unidos comprovou que os hospitais com

programas bem-estruturados de formação de lideranças têm desempenho superior.

E Rafael Klee, vice-presidente da Unicred, destacou os novos modelos de capacitação profissional que parecem promissores. “As trilhas de conhecimento e ensino individualizado podem ser uma solução adequada para essa questão”, concluiu.

## BRASIL PRECISA MELHORAR A FORMAÇÃO E A DISTRIBUIÇÃO DOS MÉDICOS

Com quase 400 cursos de medicina, o Brasil tem um excesso de médicos com formação precária, de acordo com os especialistas que participaram do painel “Desafios da formação médica: nova medicina vs. novos desafios éticos”.

“Temos que interromper a abertura de novas escolas médicas”, afirmou Jorge Kalil, professor titular da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) e diretor do Laboratório de Imunologia do InCor. “Hoje, há falta de controle de qualidade da formação e do profissional egresso”. Além disso, acrescentou o presidente da Associação Médica Brasileira

(AMB), César Eduardo Fernandes, é preciso impor uma avaliação do formando em Medicina assim como faz a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) com os formandos em Direito. “Antes eu não considerava isso necessário, mas mudei de ideia”, admitiu.

Reynaldo Brandt, médico neurocirurgião no Hospital Israelita Albert Einstein, lembrou que, em 1908, a situação nos Estados Unidos era a mesma. “Então, implementaram a comissão Flexner, que resultou no fechamento de 80% das escolas médicas da época. Cabe ao governo brasileiro decidir o que ele quer”, provocou. Fernandes opinou que essa

é uma matéria que deve “ser discutida no Congresso” para ser incorporada à legislação. Murillo Capella, fundador e consultor do Conselho da Uniced Valor Capital, ressaltou que está claro que o Brasil não precisa de mais vagas ou faculdades de Medicina, mas, sim, de melhor distribuição dos médicos pelo país. “É importante criar um plano de carreira para o médico, como acontece com a magistratura, por exemplo”, sugeriu. Nesse sentido, Kalil afirmou que “o médico não fica no interior porque não tem condições de trabalho e de salário”.

Fernandes, por sua vez, defendeu que as cidades devem criar incentivos para atrair e reter os médicos. “O bom médico não é um gasto, como muitos prefeitos pensam”, esclareceu. Segundo ele, o profissional qualificado promove economia evitando desperdícios no sistema municipal e incrementa os resultados clínicos. Brandt acrescentou a informação de que, atualmente, 80% dos estudantes são mulheres. “As exigências das médicas mulheres são diferentes dos médicos homens. Então as

condições têm que ser repensadas”, avaliou. Para os especialistas, a abordagem ética da profissão está sendo influenciada pela acelerada transformação do mundo atual. De acordo com Brandt, “nosso Código de Ética condena a mercantilização da medicina, mas isso é tudo o que vemos hoje”. Kalil afirmou que cada vez menos o professor é um modelo para os alunos e as escolas têm que insistir nos valores. “As melhores instituições têm feito isso”, finalizou.



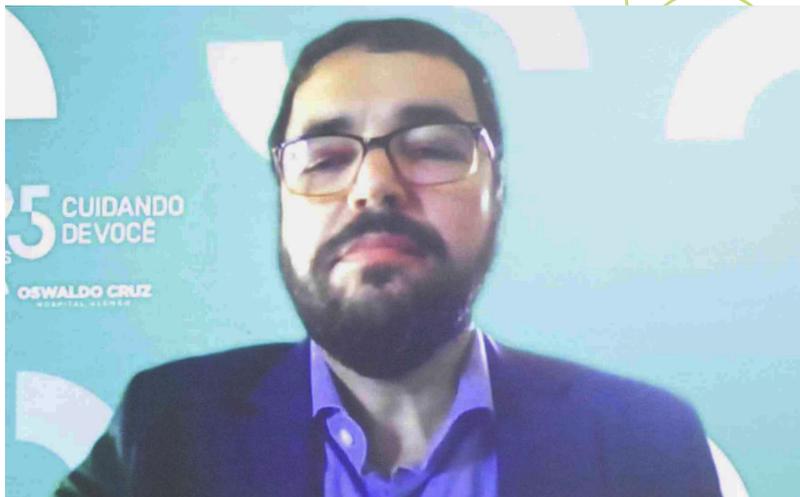
Antônio Britto (Anahp) moderou o debate entre César Eduardo Fernandes (AMB), Reynaldo Brandt (Hospital Israelita Albert Einstein), Jorge Kalil (FMUSP e InCor) e Murillo Capella (Uniced Valor Capital)

## AUTONOMIA MÉDICA E *CARE PATHWAYS* DEVEM SER CONVERGENTES

A adesão do corpo clínico às linhas de cuidado, ou *care pathways*, conforme são conhecidas no setor, é fundamental para aumentar a segurança do paciente e a qualidade da assistência, além da eficiência da operação hospitalar. Mas como promover o engajamento respeitando o preceito da autonomia médica? Essa questão também foi debatida no palco estratégico Corpo Clínico do Conahp presencial.

Antônio Bastos, diretor-executivo médico do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, destacou que, para tratar desse assunto, é necessário compreender como os médicos pensam e no que as suas decisões são baseadas. “É preciso observar sua relação com os *stakeholders*, toda a pressão que eles sofrem, a imensa responsabilidade e sua mente essencialmente científica”, avaliou.

Antônio Bastos (Hospital Alemão Oswaldo Cruz) e Dario Ferreira (Grupo Kora Saúde) participaram de debate mediado por Miguel Cendoroglo (Hospital Israelita Albert Einstein)



Bastos apontou que existe um “abismo” de comunicação nos serviços de saúde e que, “por isso, muitas vezes os médicos são vistos pelos gestores como um problema na questão do engajamento quando, na verdade, podem ser parte da solução”. Ele esclareceu que a essência principal da autonomia médica é a segurança do paciente, que também é um objetivo central das *care pathways*, ou seja, os conceitos são mais convergentes do que antagônicos. Nesse sentido, existe o desafio de estabelecer uma comunicação na medida certa

com o corpo clínico. “O excesso traz cansaço e a falta produz ruídos”, resumiu Bastos. Ainda assim, completou, é indispensável promover o diálogo, pois “a liderança médica é fundamental para a implantação das linhas de cuidado e na capacitação de multiplicadores”.

Na opinião de Dario Ferreira, diretor médico corporativo do Grupo Kora Saúde, para facilitar a adesão é indispensável que as linhas sejam indiscutivelmente baseadas em evidências. “Elas também devem estar alinhadas com a estratégia da organização, serem

multidisciplinares e monitoradas permanentemente. Outra regra estimulante é garantir que quem decide é quem sabe mais e não necessariamente quem é hierarquicamente superior”, disse.

Ferreira contextualizou afirmando que o médico não é o único foco de dificuldades para o engajamento. “A falta de compromisso pode surgir em todos os níveis da organização.” Também disse que a necessidade de adesão deve ser pensada no planejamento das linhas. “Muitas vezes, os protocolos são desenhados sem considerar se são, de fato, executáveis”, concluiu. ▀

# CUIDE DOS SEUS **PACIENTES** ENQUANTO A TOTVS CUIDA DAS SUAS **TECNOLOGIAS.**

Na TOTVS, você encontra a tecnologia ideal para fazer a gestão de pacientes de forma simples e segura, permitindo um atendimento mais humanizado. Veja como as tecnologias da TOTVS podem auxiliar nesse processo.



Registro automático de protocolos de acordo com as premissas da sua instituição.



Realização de prescrição quimioterápica baseada no tratamento de cada paciente.



Definição de rotinas e procedimentos com base nos padrões de certificação de qualidade nacionais e internacionais.

E tudo isso pode estar na nossa nuvem, levando agilidade e segurança para sua operação.

Faça como as mais de 650 instituições de saúde que utilizam nossas tecnologias especializadas para melhorar a gestão e a qualidade de atendimento ao paciente.



0800 70 98 100

[totvs.com/saude](https://totvs.com/saude)

 **TOTVS**

**CONAHP**  
**Social**  
especial



ASSOCIAÇÃO  
VOLUNTÁRIOS  
DA SAÚDE

# VOLUNTARIADO NA SAÚDE:

## Capacitação e apoio para o sistema público

Este ano, o braço social do Conahp fez uma parceria com a Associação Voluntários da Saúde a fim de dar visibilidade aos projetos desenvolvidos pela instituição, que atua em benefício de hospitais públicos por meio de ações de capacitação de liderança, gestão hospitalar e busca por credi-

tações e níveis de excelência.

Os projetos selecionados para participar do congresso foram submetidos à votação do público, que escolheu o trabalho que mais gostou, se identificou e se emocionou. Ao fim, os três mais votados tiveram a oportunidade de contar suas histórias durante

o Conahp online, em uma conversa com o presidente da Voluntários da Saúde e CEO do Hcor, Fernando Torelly.

O quadro foi exibido durante o Conahp Café, ao final da programação do dia. E, agora, você pode rever as três histórias mais votadas reveladas no congresso.

### GESTÃO E BUSCA PELA ACREDITAÇÃO

Instituto São Vicente de Paulo (MG)



### DIAGNÓSTICO E BUSCA PELA EXCELÊNCIA

Santa Casa de Três Pontas (MG)



### GERENCIAMENTO DE PROJETOS

Vila São Cottolengo (GO)



## Voluntários da Saúde no Conahp presencial

A Associação Voluntários da Saúde (AVS) também ganhou destaque durante a edição presencial do Conahp. Além de estar presente com um estande na feira de exposições, o grupo anunciou durante o evento duas parcerias importantes, com potencial de contribuição para a expansão da atuação dos voluntários.

No evento, a AVS anunciou, junto da empresa Medportal, a criação de uma plataforma digital exclusiva, voltada para educação à distância com foco em voluntariado, a EAD Escola de Voluntários. A iniciativa oferecerá cursos técnicos e científicos para incentivar o aprimoramento de métodos dos voluntários na condução dos projetos em andamento. Além dos membros da Associação, as instituições que recebem o apoio da AVS também terão acesso aos treinamentos.

Os Voluntários da Saúde também firmaram parceria durante o Conahp com a Associação Brasileira CIOsaúde (Abcis), que reúne agentes da transformação digital para melhoria do setor, promovendo programas de treinamento e especializações.

Congresso Nacional  
de Hospitais Privados 2022



PALCO ESTRATÉGICO

# ENSINO E PESQUISA

Produzir e compartilhar conhecimento é parte fundamental da saúde e essencial para o processo de evolução do setor. É por meio dessas áreas que a base para competências profissionais é formada e o aprimoramento contínuo é incentivado, contribuindo para uma assistência à saúde sem-

pre melhor e de qualidade. Por isso, o Conahp 2022 abriu um espaço exclusivo para debates voltados ao ensino e à pesquisa, como forma de incentivo ao avanço da saúde do Brasil. Acompanhe, a seguir, a cobertura das discussões apresentadas no palco estratégico Ensino e Pesquisa.

## ESTÍMULO À PESQUISA É MEIO EFICIENTE DE QUALIFICAR A ASSISTÊNCIA

O palco estratégico Ensino e Pesquisa reuniu especialistas para discutir a importância da produção científica e como integrar o conhecimento no dia a dia dos hospitais. Para Nuno Sousa, diretor do Centro Clínico Acadêmico de Braga, a cultura da pesquisa deve ser

estabelecida desde a formação em saúde, afinal, evidência é o fator mais importante da medicina.

Luiz Vicente Rizzo, diretor superintendente de Pesquisa no Hospital Israelita Albert Einstein, reforçou que “qualquer coisa feita fora da evi-

dência é um risco para a vida dos pacientes e um desrespeito com a economia, porque é dinheiro jogado fora”. Luiz Fernando Reis, diretor de Ensino e Pesquisa no Hospital Sírio-Libanês, foi além e afirmou que, na sua opinião, “se não tem evidência nem pode se chamar medicina”.

Sousa seguiu destacando que “está provado” que as instituições mais ativas em pesquisa prestam melhores serviços. “É o meio mais eficiente para levar mais qualidade e dar acesso aos pacientes às principais inovações assistenciais”, afirmou. Rizzo acrescentou que o principal objetivo do investimento em pesquisa é criar um ambiente contestador, que estimula a melhoria contínua. “Lucros, patentes e desfecho

clínico são consequências.”

Eduardo Emrich, CEO e presidente da Biominas Brasil, lamentou que grande parte dos profissionais ativos não estão preparados para esse ambiente. “A maioria deles não teve aulas de inovação e empreendedorismo na universidade”, destacou. Para o executivo, isso é um grande entrave para o fomento e a aplicação prática das pesquisas. Sousa concordou e alertou para a necessidade de introduzir os estudantes precocemente neste universo. “Além disso, é interessante integrar hospitais e universidades em um mesmo ecossistema”, completou.

Rizzo chamou a atenção para a responsabilidade das lideranças no engajamento. “A adesão aos protocolos e o entendimento de que a medicina é

feita exclusivamente com base em evidências estão ligados ao estímulo da diretoria médica”, esclareceu. E Sousa destacou que também é necessário recompensar a pesquisa. “Se não valorizar, o profissional vai abandonar a atividade”, concluiu.



Luiz Vicente Rizzo (Hospital Israelita Albert Einstein), Nuno Sousa (Centro Clínico Acadêmico de Braga) e Eduardo Emrich (Biominas Brasil) debatem sobre como fortalecer a pesquisa em saúde

## É PRECISO AVANÇAR NA CULTURA ANALÍTICA PARA TOMADA DE DECISÃO

Roberta Almeida, gerente de Ensino e Pesquisa da Santa Casa de Porto Alegre, mediou a mesa que abordou os desafios da pesquisa no ambiente hospitalar e abriu as discussões lançando a questão central: “Como integrar a pesquisa com a assistência?”. Ricardo Cappra, fundador do Cappra Institute for Data Science, observou que o ponto de partida é fazer a cultura analítica sair da pesquisa e ir para a prática. “Precisamos sincronizar as

tomadas de decisão com as informações disponíveis”, recomendou.

Segundo ele, mais de 70% das decisões não são baseadas em análise de dados e ainda são poucos os processos internos que integram pensamento crítico com o potencial da tecnologia para gerar inteligência. “A solução começa com profissionais que se habituem a consultar gráficos antes de decidirem o que fazer. A cultura analítica precisa passar

da pesquisa para a prática”, explicou.

Jefrey Stuart Brown, Chief Scientific Officer da TriNetX, destacou a importância da capacitação para evitar algo tão ou mais nocivo do que ignorar os dados existentes.

“Profissionais despreparados vão utilizar os dados de forma errada”, alertou. Carlos Barrios, fundador da Latin American Cooperative Oncology Group, citou a indústria farmacêutica como exemplo de integração en-



A moderadora Roberta Almeida (Santa Casa de Porto Alegre) com os debatedores Carlos Barrios (Latin American Cooperative Oncology Group), Jeffrey S. Brown (TriNetX) e Ricardo Cappra (Cappra Institute for Data Science)

tre pesquisa e prática, diferentemente dos serviços assistenciais. “Não participamos do processo de transformação e não oferecemos resultados aos pacientes”, avaliou.

Brown lamentou que essa situação ocorra apesar de “os hospitais terem dados por todos os lados”, mas apenas uma fração é devidamente analisada. “Temos muita informação, mas não conseguimos utilizá-la”, resumiu. Para ele, é necessário “padronizar os dados e ter uma rede trabalhando de maneira uniforme”.

Barrios ressaltou que o objetivo não é simplesmente integrar a pesquisa ao dia

a dia, mas produzir resultados que agreguem valor. “Os estudos têm que estar alinhados com as necessidades da população. Por isso, em geral, as perguntas são mais importantes do que as respostas”, afirmou. Brown acrescentou que é necessário ter “as pessoas certas para fazer esse serviço corretamente”, já que não é recomendável “confiar cegamente nos dados”. Apesar de todos os desafios, Capra reconheceu que os avanços são notáveis: “Uma nova geração analítica está surgindo e logo vamos mudar o modo de tomar decisões dentro das organizações”, finalizou.

## FORMAÇÃO EM SAÚDE TEM QUE SE ADAPTAR AOS NOVOS TEMPOS

Na mesa que abordou o tema “Formação em Saúde”, o presidente da Associação Brasileira de Hospitais Universitários e de Ensino (ABRAHUE), José Geraldo Ramos, afirmou que, em geral, “as universidades estão formando profissionais com perfil diferente do que o mercado precisa”. E recomendou: “Temos que

estabelecer novas diretrizes e adaptar o ensino às novas expectativas sobre a assistência em saúde.”

Ramos defendeu ainda que a atualização do conteúdo é fundamental, com abordagens sobre gestão, humanização, segurança e acreditação. “Também é importante focar em modelos de governança e ESG. Exis-

te um novo mundo que tem que ser inserido no ensino”, explicou.

Junto às abordagens inovadoras, continuou, é preciso expandir o acesso e agilizar a formação. Para ele, mais hospitais devem criar os seus programas de ensino, seja residência ou cursos de pós-graduação com bons laboratórios de simulação para

qualificar a prática. “Precisamos capacitar o aluno para entrar melhor e mais rápido na assistência”, destacou. Para ele, essa possibilidade tem que ser vista como um investimento, e não como um custo, pois oferece potencial de negócios e estrutura para formação própria de recursos humanos, de acordo com as necessidades da organização.

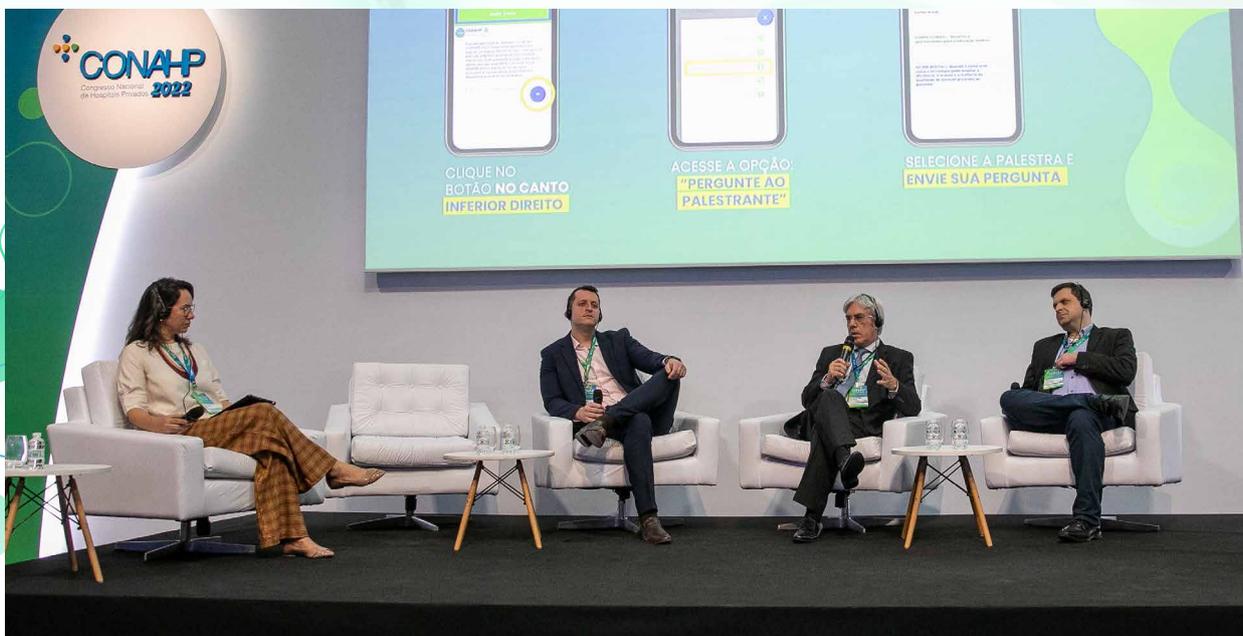
José Humberto Fregnani, superintendente de Ensino e Pesquisa do A.C. Camargo Cancer Center, afirmou que o ensino dentro de um hospital serve para qualificar a assistência. “Além disso, atrai talentos e profissionais mais bem preparados, man-

tém o corpo clínico atualizado e fortalece a imagem e a marca do hospital”, enumerou. Ele reconheceu, no entanto, que o financiamento é um desafio insuperável para grande parte das instituições e sugeriu criatividade na busca por soluções. “Uma empresa privada não poderia financiar um programa de residência, por exemplo?”, indagou.

Rodrigo Munhoz, oncologista do Hospital Sírio-Libanês e do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo, seguiu o raciocínio da linha econômica e destacou que é necessário valorizar mais o tempo de residência. “A bolsa do residente, por

exemplo, é incompatível com o custo de vida em uma cidade como São Paulo. E eu não vejo mobilização para solucionar essa questão”, lamentou.

Para ele, essa insegurança financeira prejudica ainda mais a formação de um profissional que chega sem saber muito bem o que deseja da carreira. “Escolher a residência é uma decisão difícil para os candidatos que normalmente desconhecem as dinâmicas dos programas e não têm planos de longo prazo”, explicou. “Vivemos uma transformação no conhecimento e na prática, e temos que alinhar a residência com essa nova realidade”, concluiu.



Patrícia Alcantara (Hospital Santa Izabel - Santa Casa de Misericórdia da Bahia) moderou o debate entre Rodrigo Munhoz (Hospital Sírio-Libanês e Instituto do Câncer do Estado de São Paulo), José Geraldo Ramos (ABRAHUE) e José Humberto Fregnani (A.C. Camargo Cancer Center)

## SAÚDE BUSCA ENGAJAR PROFISSIONAIS NO *LIFELONG LEARNING*

Os especialistas que participaram da mesa sobre *lifelong learning* concordaram que a educação continuada é uma obrigação do profissional de saúde, sobretudo no atual ambiente em que as inovações ficam desatualizadas antes de serem completamente absorvidas pela

prática. “Mas, hoje, isso é muito desafiador por causa do enorme volume de informações. Então, o primeiro passo é entender em que é necessário se atualizar”, explicou Luiz Fernando Reis, diretor de Ensino e Pesquisa no Hospital Sírio-Libanês. Antônio Valério, professor



Antônio Valério (EPM/Unifesp) e Marco Bego (InovaHC – HCFMUSP) participaram de debate moderado por Luiz Fernando Reis (Hospital Sírio-Libanês)

afiliado da Escola Paulista de Medicina (EPM/Unifesp), destacou que as organizações devem ser ativas nesse processo e proporcionar modelos educacionais aderentes às suas equipes, considerando a dificuldade adicional de ensinar adultos. “O mais indicado é investir na personalização do ensino, com trilhas de aprendizado que se adaptam ao nível de conhecimento de cada profissional”, ensinou. Valério acrescentou que, além do aprimoramento técnico, é indispensável qualificar as atitudes. “As pessoas têm que aderir aos protocolos e praticar, de fato, o que

é recomendado em cada situação. Muitas vezes elas sabem o que é o certo a fazer, mas nem por isso elas fazem”, exemplificou.

Marco Bego, Chief Innovation Officer do InovaHC – HCFMUSP, contou que a estratégia no Hospital das Clínicas é despertar o desejo de aprender. “Principalmente quando falamos de tecnologia, esse sentimento pode definir a capacidade de atingir o uso pleno dos *devices*”, explicou. Nesse sentido, afirmou, “o ensino não pode ser chato”. “É preciso despertar a curiosidade ou criar a necessidade, e utilizar ambientes realistas para os treinamentos.”

Valério seguiu a mesma linha e esclareceu que “adultos não querem ficar ouvindo um professor falar em sala de aula o que ele pode ler em casa, na internet”. E completou dizendo que, atualmente, o formalismo não funciona mais na educação continuada. “É hora de humanizar o processo”, disse, acrescentando que a receita é imersão, interação e engajamento.

Bego finalizou avaliando que o processo está em desenvolvimento e as metodologias precisam ser testadas. “Se não der certo, tenta de novo. Ou desiste e vai para outro formato até acertar”. ▀

**Você pode cuidar dos  
seus pacientes  
enquanto nós  
cuidamos de você.**

**a escolha é sua**

Na Unicred, nós somos especialistas em você: nossos médicos Cooperados.

Aqui você tem atendimento premium nos canais presenciais e virtuais, conta com experts em saúde financeira e tudo isso se reverte em benefícios para você e sua comunidade.

Escolha uma instituição financeira cooperativa que combina com você.

**Escolha Unicred.**

**Entre em contato conosco:**

- WhatsApp: 0800 200 7302
- Chat: app Unicred Mobile
- Telefone: Capitais e Regiões Metropolitanas  
3003 7703  
Demais cidades  
0800 200 7302
- Site: [unicred.com.br](http://unicred.com.br) →
-  /@unicredbrasil



escolha cooperar.  
escolha **UNICRED** 

# NOITE DE CONFRATERNIZAÇÃO

Parte do reencontro de grandes líderes e autoridades da saúde promovido pelo Conahp 2022 aconteceu durante o já tradicional jantar de confraternização do congresso. A noite de confraternização reuniu mais de 150 convidados, entre associados, parceiros e parlamentares. O encontro aconteceu em São Paulo, na semana do congresso, no restaurante Figueira Rubaiyat.

O jantar, que aconteceu dias após o segundo turno das eleições presidenciais, contou com a ilustre pre-

sença do atual ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, que teve a oportunidade de discursar perante lideranças

e tomadores de decisão do setor. Também esteve presente o ex-ministro da pasta, Nelson Teich.



Marcelo Queiroga, ministro da Saúde, discursou para as principais lideranças da saúde presentes no jantar

A confraternização também foi palco de uma homenagem especial, feita a José Antônio de Lima, membro dos conselhos da Fundação Faculdade de Medicina, do Sabará Hospital Infantil e da BP. O reconhecimento pelo seu importante papel na história da Anahp e do setor

como um todo é parte de uma série de homenagens que a Associação tem prestado desde o ano passado a figuras que se tornaram fundamentais para a sua existência e consolidação como uma das principais entidades representativas da saúde.

Neste ano, também foram homenageados, desta vez no palco do Conahp presencial, José Salvador Silva, fundador da Rede Mater Dei de Saúde; e Maurício Ceschin, conselheiro da Rede Mater Dei de Saúde, Pro Matre, Santa Joana e do Grupo Laços Saúde. ▀



## PALCO ESTRATÉGICO

## HEALTHTECHS

O mercado de saúde está aquecido e muito desse movimento se deve às *healthtechs*, ou seja, as startups com foco em soluções para o mercado de saúde. Esses “novos” *players* do setor, com propostas de melhorias e otimização de processos, têm conquistado espaço e mostrado força no impulsionamento de mudanças importantes, que vão desde novos sistemas

até mesmo a estruturação de novos modelos de cuidado por completo. O Conahp 2022, que se propôs a debater caminhos para mudanças essenciais, não poderia deixar de fora uma análise mais aprofundada sobre as *healthtechs* e seu impacto no setor. Acompanhe, a seguir, a cobertura do palco estratégico Healthtechs, que teve o patrocínio da Pfizer.

Patrocínio:



## BIG PHARMAS E HEALTHTECHS INVESTEM NO POTENCIAL DAS PARCERIAS

A transformação digital trouxe essencialmente oportunidades para a saúde, na opinião da diretora de Patient and HealthCare Experience da Pfizer, Priscilla Lorenzo, que moderou o painel “Parcerias de valor na era digital: *healthtechs* e indústria farmacêutica”. “Oportunidades

estão 100% conectadas com a inovação”, declarou. Para ela, as startups e as empresas tradicionais entenderam o momento e estão construindo uma “história de colaboração fundamental para continuar inovando no ecossistema de saúde”.

Lorenzo Cartolano, cofundador da WeCancer, destacou que o capital intelectual dentro das grandes organizações e os desafios que elas estão dispostas a enfrentar são incomparáveis e totalmente complementares aos atributos das *healthtechs*. “É importante alinhar as expectativas, sobretudo em relação ao *timing* dos processos”, ponderou. Segundo ele, esses processos normalmente costumam ser bem mais rápidos nas *healthtechs*.

Por outro lado, Maikol Parnow, CEO da Hygia Saúde, destacou que empresas como

a Pfizer têm planejamento para os próximos 70 anos, algo raro entre as startups de saúde. “Trabalhar com um parceiro assim é um ganho enorme para quem quer ser grande”, avaliou.

Seguindo na questão das expectativas, Parnow acrescentou ser fundamental que a parceria seja formada por partes dispostas a aprender, ter contato com novas metodologias e pensamentos diferentes. “Todos devem estar comprometidos com a mudança, com o propósito de fazer acontecer”, afirmou. Para ele, é indispensável re-

solver eventuais atritos o quanto antes, “se possível no início do processo”.

Martin Nelzow, Afya Advisor Pharma & RX Pro Founder, ressaltou a infinidade de recursos e a imensa capacidade de realização das *big pharmas*. “Se existiam dúvidas sobre isso, o desenvolvimento em tempo recorde das vacinas contra a Covid acabou com todas”, argumentou. Em sua opinião, essa força espantosa em conjunto com a agilidade e potencial de transformação das startups formam a receita de um futuro com ganhos enormes para a saúde.



Priscilla Lorenzo (Pfizer), Maikol Parnow (Hygia Saúde), Martin Nelzow (Afya e RX Pro) e Lorenzo Cartolano (WeCancer) durante debate

## PANDEMIA AUMENTOU INTERESSE DE INVESTIDORES NO SETOR DE SAÚDE

No painel “Acesso a investimento em saúde: a visão dos fundos”, os especialistas concordaram que um dos efeitos da pandemia foi ressaltar o valor – tanto para a saúde quanto para o setor econômico – da pesquisa e da ciência. “Uma molécula ou uma nova vacina tem um potencial de mercado enorme. A iniciativa privada percebeu a área como estratégica para os negócios e investimentos”, destacou Carlos Zago, CEO da MKM Biotech.

Zago falou sobre a importância dessa mudança de perspectiva, já que na América

Latina a pesquisa ficou historicamente limitada ao ambiente acadêmico e ao orçamento público. “Hoje, empresas privadas e fundos de investimentos estão dispostos a financiar pesquisadores e projetos”, revelou. Ele ponderou, no entanto, que é indispensável demonstrar viabilidade. “Existe capital disponível para o que é muito bom e tem, de fato, potencial. Acabou a era de investimento em Power Point”, esclareceu.

Nesse sentido, a AGGIR Ventures, uma gestora com foco em saúde, ressalta que seus investimentos são desti-

nados a “pessoas excepcionais e negócios de alto potencial”. Nadia Armelin, sócia na empresa, reforçou que a pandemia valorizou a inovação, aumentou a liquidez para o desenvolvimento do setor de saúde e aprimorou a análise das soluções. “Olhamos para as ineficiências nos hospitais, nas operadoras, na educação e formação de profissionais, nas clínicas médicas e nos diagnósticos”, detalhou, para financiar iniciativas adequadas e viáveis.

Rafael Kenji, CEO da FHE Ventures e fundador da Academy Abroad, contou que



No palco, Carlos Zago (MKM Biotech), o moderador Marco Bego (InovaHC) e Nadia Armelin (AGGIR Ventures), além de Rafael Kenji (FHE Ventures e Academy Abroad), no telão

o foco dos seus investimentos são o “triple aim” e o aprimoramento da qualidade da assistência em geral, e que a gestora já apoia dez startups nessa linha. “Entendo que é preciso estimular a integração entre público, privado e as universidades para multiplicar os resultados. Esse ambiente é muito comum na Europa e precisa ser reproduzido no Brasil”, recomendou.

Armelin comemorou que está observando avanços na regulamentação, aspecto fundamental para oferecer mais

segurança e deslançar ainda mais os investimentos. “As agências estão mais dispostas a conversar”, afirmou. O moderador Marco Bego, Chief Innovation Officer do InovaHC – HCFMUSP, ponderou que, após o “boom” de inovação provocado pela pandemia, está claro que a jornada é mais longa e complexa. “Temos que qualificar a inovação e criar as condições para o desenvolvimento de produtos práticos. Precisamos entender essa nova fase de investimento, qualificação e digitalização”, finalizou.

## CULTURA DA INOVAÇÃO IMPULSIONA CASES DE SUCESSO

A inovação no setor hospitalar depende de uma cultura que ainda está em desenvolvimento nas organizações, é o que avaliaram os especialistas que participaram da mesa sobre o tema no Conahp. Diego Ramirez, Head de Inovação na AESC, apontou um “gap” nesse sentido, que “as startups falam uma língua diferente da linguagem corporativa” e ainda não estão completamente conectadas aos objetivos estratégicos das empresas. “É preciso aumentar a integração

para rodar os projetos de inovação. As *healthtechs* têm que ser incluídas definitivamente no ecossistema da saúde”, avaliou.

Rodrigo Demarchi, diretor de Inovação do Hospital Israelita Albert Einstein, falou sobre a experiência da organização nessa área, já bem avançada se comparada com o setor em geral. “Encaramos a inovação como um instrumento na busca por mais equidade e sustentabilidade na assistência e temos uma

diretoria específica para trabalhar o tema há mais de dez anos”, esclareceu.

Mais do que a estrutura, Demarchi comemorou que o Einstein conseguiu moldar um *mindset* de inovação entre os profissionais e construir um ambiente que torna as iniciativas mais fluídas e produtivas. “Atualmente, temos até um fundo de investimentos próprio que empregou mais de R\$ 140 milhões em projetos de inovação em saúde no ano passado”,

contou. Nesse guarda-chuva, a organização também conta com especialistas em propriedade intelectual e patentes.

Victor Akira, supervisor de Inovação no A.C. Camargo Cancer Center, falou sobre como a inovação gera resultados práticos mostrando um projeto de monitoramento de imunoterapia desenvolvido pela organização, que alcançou 86% de aprovação entre os pacientes assistidos. “Com o sistema, evitamos vi-

sitas desnecessárias ao pronto-socorro, controlamos os sintomas remotamente, antecipamos ações e diminuimos internações”, explicou.

Ele ressaltou, no entanto, que a tecnologia não produz avanços espontaneamente, e que o resultado dos projetos continua dependendo do conhecimento e engajamento das pessoas. “O sucesso está muito ligado ao desempenho de uma equipe assistencial qualificada”, concluiu.



Diego Ramirez (AESC), a moderadora Helen Mazarakis (ABSS), Rodrigo Demarch (H. Israelita Albert Einstein) e Victor Akira (A.C. Camargo Cancer Center)

## SAÚDE TEM O DESAFIO DE INOVAR COM SEGURANÇA

O palco estratégico Heathtechs trouxe a discussão sobre o porquê é tão difícil evoluir com a inovação em saúde. Filipe Oliveira, CEO da Verzo, destacou que as melhorias em saúde têm que estar sempre integradas a um alto grau de segurança. “Mas como conciliar experimentação e implantação de novas práticas com o gerenciamento dos riscos para os pacientes?”, questionou.

Oliveira acrescentou outras dificuldades, como a manipu-

lação de dados considerados supersensíveis e a alteração em rotinas complexas, como o ato médico. “Se você propuser algo que vai dificultar a vida do médico, fazendo com que ele gaste mais tempo para fazer a mesma coisa só que de outra forma, ele não vai aderir”, resumiu. Mesmo assim, para ele, esses obstáculos têm que ser enfrentados porque “a inovação não é mais uma opção”.

Gustavo Queiroz, diretor financeiro da MV, abordou a

questão econômica, destacando que a maioria das instituições têm poucos recursos para inovar, além do desafio da interoperabilidade. “É tudo muito pulverizado, os sistemas precisam se comunicar melhor, e a busca pela integração vai promover a agilidade em toda a cadeia”, avaliou. Para ele, se fala muito sobre o assunto, mas as ações práticas caminham lentamente.

Raphael Augusto, sócio-diretor de Produtos e Inteligência de Mercados da Liga Ventures,



Raphael Augusto (Liga Ventures), Filipe Oliveira (Verzo), o moderador Cristiano Teodoro (ABSS) e Gustavo Queiroz (MV)

chamou a atenção para uma visão distorcida sobre os prazos. “Temos uma cultura imediatista, não só na saúde, mas em vários setores. É preciso mudar essa mentalidade. No setor de saúde as coisas demandam mais tempo”, explicou.

Cristiano Teodoro, presidente da Associação Brasileira de Startups de Saúde (ABSS), exemplificou esse desalinhamento das expectativas. “O ciclo real da inovação na saúde é de cinco a oito anos. A startup vende como sendo de cinco a oito meses. E o investidor espera que seja de cinco a

oito dias”, contextualizou.

Oliveira destacou a importância de ter as soluções certas para problemas reais. “Não adianta trazer uma inovação de fora sem entender e adaptar à realidade local”, afirmou. E Queiroz insistiu na oportunidade das parcerias entre *healthtechs* e grandes empresas para enfrentar os desafios. “A máxima do ‘ganha-ganha’ focado no atendimento humanizado e resolutivo é muito forte”, concluiu. Em sua opinião, este deve ser o principal fator de estímulo ao desenvolvimento do setor.

## METAVERSO JÁ É UMA REALIDADE NA SAÚDE, MAS AINDA ESTÁ LONGE DE ATINGIR TODO SEU POTENCIAL

A realidade virtual, antes limitada à ficção, já está presente na saúde, inclusive com experiências no metaverso. Mas o ciclo para atingir a maturidade do ambiente e das técnicas ainda é longo. “Trazer toda essa tecnologia para a assistência é algo muito complexo, que exige treinamento e uma perspectiva mais apurada do custo-benefício”, avaliou Bianca Miranda, CEO da Health Tech Brasil.

Para ela, um avanço mais robusto depende da evolução do ensino em saúde, com novos modelos como a gamificação, por exemplo, para que o profissional chegue à assistência mais ambientado com as tecnologias. “Na verdade, é necessário um processo de maturação da sociedade como um todo” admitiu.

Rogério Carballo Afonso, gerente médico de Novos Serviços e Telemedicina do

Sabará Hospital Infantil, que implantou um projeto de treinamento do ato cirúrgico com avatares, também abordou a questão do custo-benefício. “Quando avaliamos um curto espaço de tempo, obviamente o investimento nesses recursos é bem alto, mas o benefício gerado para o paciente em longo prazo é muito maior. Então, é indispensável enxergar a questão como valor e não como custo”, afirmou.

Na opinião de Afonso, “o potencial do metaverso para a educação é imenso”, isso tanto na graduação como na especialização e na atualização profissional dentro das organizações. “Hoje, todo o centro de simulação pode ser virtual e podemos inserir o estudante em um ambiente imersivo”, exemplificou. Além disso, acrescentou, a tecnologia rompe as fronteiras e permite colocar especialistas de todo o mundo dentro de uma sala de treinamento no Brasil.

Rômulo Varella, radiologista na Dasa, destacou o potencial para o engajamen-

to dos pacientes a partir do momento em que é possível demonstrar com mais clareza o que vai ser feito. Ele citou, por exemplo, a possibilidade de visualizar a passagem de um cateter por um coração virtual. “Na ortopedia podemos antecipar um futuro com impressão de próteses personalizadas em 3D”, afirmou.

Mas, para alcançar todo esse potencial, é preciso tornar a tecnologia mais acessível, conforme ponderou Varella. “Quando colocarmos tudo isso dentro de um celular, aí sim vamos democratizar o ambiente”, disse. ▀



Debate entre Bianca Miranda (Health Tech Brasil), Rogério Carballo (Sabará Hospital Infantil) e Rômulo Varella (Dasa), e o moderador Cristiano Teodoro (ABSS)

# E, NOVAMENTE, O CONAHP FEZ HISTÓRIA...

A volta ao presencial sem deixar para trás os ganhos do formato digital certamente aumentou a potência do Conahp. O evento fecha o ano de 2022 na saúde confirmando seu reconhecimento como maior congresso de saúde do país ao atrair a atenção de mais de 13 mil pessoas: foram 9 mil inscrições para o online e mais 4,7 mil congressistas que passaram pela edição presencial.

Além do conteúdo, já conhecida da mais alta qualidade, esta edição foi marcada por promover o reencontro dos agentes do setor, ampliar os espaços para debates com os palcos estratégicos, trazer grandes nomes internacionais

em sua programação, como Eric Topol e Elisabeth Teisberg, e também por ampliar a discussão da saúde em âmbito político: o Conahp saiu na frente ao abrir espaço para debates sobre a próxima gestão pública, recebendo o ex-ministro da saúde e integrante da equipe de transição do governo Lula, Arthur Chioro, e também parlamentares que representarão o setor no Congresso e Senado no próximo mandato.

“Nós chegamos ao fim desse congresso com uma sensação de missão cumprida. Foi um excelente evento, com um nível maravilhoso, as palestras foram brilhantes, as discussões foram muito pro-

veitosas”, declarou o presidente do Conselho de Administração da Anahp, Eduardo Amaro, em sua fala final, encerrando o Conahp.

“Conseguimos fazer um Conahp, como sempre foi e será, muito antenado no contexto do país e do mundo”, disse o presidente da Comissão Científica do Conahp 2022, Charles Souyleuman. “Acredito que o que aconteceu na saúde do país durante a pandemia foi o que talvez tenha feito a população brasileira decidir pelo caminho que foi decidido nas últimas eleições. O que torna a nossa responsabilidade, de quem atua no setor, ainda maior”, finalizou.



# CONAHP 2022 EM NÚMEROS

Confira os números dessa edição, somando os resultados das modalidades presencial e online:



**4.760**  
pessoas  
passaram pela  
edição presencial



**9 mil**  
inscritos na  
edição online

**144**  
palestrantes



**107**  
patrocinadores

**31 horas**  
de conteúdo



**2.558**  
interações no chat



**44 startups**  
inscritas no Desafio de  
Inovação Conahp 2022



**398**  
trabalhos  
inscritos na Sessão Pôster



**1.447**  
respostas às enquetes

**8.363 votos no**

**CONAHP Social**  
especial



Clique abaixo e confira o vídeo de cobertura do Conahp 2022 presencial, o palco do reencontro da saúde!





## HAMILTON MEDICAL

Tecnologia e versatilidade  
em ventilação mecânica

### HAMILTON-C3

O respirador HAMILTON-C3 é uma solução de ventilação de ponta modular para todos os grupos de pacientes. O design compacto e independência do ar comprimido do HAMILTON-C3 permitem a máxima versatilidade e mobilidade em todo o hospital, podendo ser utilizado no carrinho ou sobre a bancada.

Além disso, o respirador HAMILTON-C3 possui a tecnologia INTELLiVENT-ASV, que permite o controle automatizado da ventilação e oxigenação do paciente.



### HAMILTON-C6

O HAMILTON-C6 representa uma nova geração de respiradores de última geração. A combinação da modularidade, a versatilidade de poder ser usado no carrinho ou na bancada, a mobilidade e recursos avançados como os modos de ventilação de proteção pulmonar adaptativa ASV® e INTELLiVENT®-ASV, permite-lhe individualizar o tratamento de ventilação do seu paciente.



# Conheça os patrocinadores que fizeram parte do Conahp 2022

## CORREALIZAÇÃO



## PARCEIROS DIAMOND



## PARCEIROS GOLD



## PARCEIROS APOIO



## PATROCINADORES PREMIUM



## PATROCINADORES SPECIAL





PATROCINADORES SPONSOR



PATROCINADORES STANDARD



MACHADO NUNES     *Trabalhando a favor da saúde* 

 **Semantix**  
All about data

 **setec**  
healthcare

 **shs**  
health tech

 **SISQUAL**  
WFM  
effective team management

 **tascom**

 **TEC label**  
BRASIL

 **TORIBA**

**ucan**

 **VIATRIS**

 **WINNER**  
BRASIL

APOIO

 **abramge**

 **AMB**  
Associação Médica Brasileira

 **ASSOCIAÇÃO  
VOLUNTÁRIOS  
DA SAÚDE**

 **CBA**  
CONSÓRCIO  
BRASILEIRO DE  
ACREDITAÇÃO

 **ENGEFORM**  
ENGENHARIA

 **FBH**  
FEDERAÇÃO BRASILEIRA  
DE HOSPITAIS

 **interfarma**

 **QUALITY**  
GLOBAL ALLIANCE

 **senne liquor**  
diagnóstico

**50**  
ANOS

 **SINDUSFARMA**

 **Takeda**



**TORIBA**

## INSTITUIÇÕES-MEMBRO

### Associados titulares

A.C. Camargo Cancer Center  
AACD - Associação de Assistência à Criança Deficiente  
Austa Hospital  
BP Mirante  
Casa de Saúde São José  
CBV - Hospital de Olhos  
Clínica São Vicente  
Complexo Hospitalar de Niterói  
Complexo Hospitalar Santa Genoveva  
Hcor  
Hospital 9 de Julho  
Hospital Adventista de Belém  
Hospital Albert Sabin (MG)  
Hospital Alemão Oswaldo Cruz  
Hospital Aliança  
Hospital Alvorada Moema  
Hospital Anchieta  
Hospital Assunção  
Hospital Baía Sul  
Hospital Barra D'Or  
Hospital BP  
Hospital Brasília  
Hospital Cárdio Pulmonar  
Hospital Copa D'Or  
Hospital Copa Star  
Hospital Daher Lago Sul  
Hospital das Nações  
Hospital DF Star  
Hospital Divina Providência  
Hospital do Coração Anís Rassi  
Hospital do Coração de Goiás  
Hospital do Coração do Brasil  
Hospital Dona Helena  
Hospital e Maternidade Brasil  
Hospital e Maternidade Santa Joana  
Hospital e Maternidade São Luiz - Unidade Anália Franco  
Hospital e Maternidade São Luiz - Unidade Itaim  
Hospital Edmundo Vasconcelos  
Hospital Esperança  
Hospital Esperança Olinda  
Hospital Evangélico de Londrina  
Hospital Icarai  
Hospital Israelita Albert Einstein  
Hospital Leforte Liberdade  
Hospital Madre Teresa  
Hospital Mãe de Deus  
Hospital Marcelino Champagnat  
Hospital Márcio Cunha  
Hospital Mater Dei  
Hospital Mater Dei Betim-Contagem  
Hospital Mater Dei Contorno  
Hospital Memorial São José  
Hospital Meridional Cariacica  
Hospital Meridional Serra  
Hospital Ministro Costa Cavalcanti  
Hospital Moinhos de Vento  
Hospital Monte Sinai  
Hospital Nipo-Brasileiro

Hospital Nossa Senhora das Graças  
Hospital Nossa Senhora das Neves  
Hospital Novo Atibaia  
Hospital Oeste D'Or  
Hospital Pequeno Príncipe  
Hospital Pompéia  
Hospital Porto Dias  
Hospital Português  
Hospital Primavera  
Hospital Pró-Cardíaco  
Hospital PUC-Campinas  
Hospital Quinta D'Or  
Hospital Rios D'Or  
Hospital Samaritano  
Hospital Samaritano Botafogo  
Hospital Santa Catarina - Paulista  
Hospital Santa Catarina Blumenau  
Hospital Santa Clara (MG)  
Hospital Santa Cruz (PR)  
Hospital Santa Izabel  
Hospital Santa Joana Recife  
Hospital Santa Lúcia (DF)  
Hospital Santa Luzia  
Hospital Santa Marta  
Hospital Santa Paula  
Hospital Santa Rita de Cássia  
Hospital Santa Rosa  
Hospital Santo Amaro  
Hospital São Camilo Pompeia  
Hospital São Lucas (SE)  
Hospital São Lucas (SP)  
Hospital São Lucas Copacabana  
Hospital São Lucas da PUCRS  
Hospital São Luiz - Unidade Morumbi  
Hospital São Marcos  
Hospital São Mateus  
Hospital São Rafael  
Hospital São Vicente de Paulo (RJ)  
Hospital Saúde da Mulher  
Hospital Sepaco  
Hospital Sírio-Libanês  
Hospital Tacchini  
Hospital Vera Cruz  
Hospital Vila Nova Star  
Hospital Vita Batel  
Hospital Vita Curitiba  
Hospital ViValle  
Perinatal Barra  
Pilar Hospital  
Pro Matre Paulista  
Real Hospital Português de Beneficência em Pernambuco  
Sabará Hospital Infantil  
Santa Casa de Misericórdia de Maceió  
Santa Casa de Misericórdia de Passos  
Santa Casa de São José dos Campos  
UDI Hospital  
Vitória Apart Hospital

### Associados especiais

Casa de Saúde de Campinas  
Hospital Albert Sabin (SP)  
Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo  
Hospital Dr. Beda  
Hospital Ernesto Dornelles  
Hospital Evangélico de Sorocaba  
Hospital IPO  
Hospital Japonês Santa Cruz (SP)  
Hospital Memorial São Francisco  
Hospital Policlínica Cascavel  
Hospital Ribeirania

Hospital Santa Isabel (SP)  
Hospital Santa Lucia (RS)  
Hospital São Vicente Curitiba  
Hospital São Vicente de Paulo (RS)  
Hospital Vila Verde Saúde Mental  
IBR Hospital  
Maternidade Lília Neves  
Oncobio  
Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre  
UTI Neonatal Nicola Albano